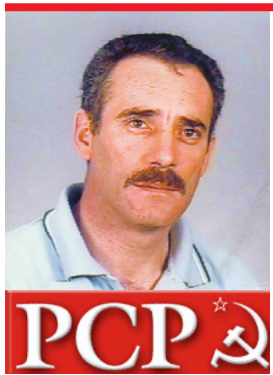


Especial Autárquicas

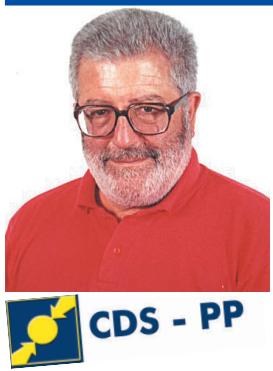
SUPLEMENTO



João Gomes



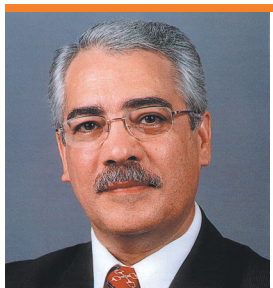
Ricardo Silva



Hermano Mota



Liberato Fernandes



António Pedro Costa



BLOCO DE
ESQUERDA



PSD

O Académico



Na foto podemos evocar os “craques” com o seu equipamento negro. São eles: De pé: João Luís Morgado Pacheco, José Amaral Silva, Armindo, Eduardo Cansado, Aventino, J. Cabral Melo (guarda redes). Na outra fila: Manecas, Victor Costa Leite, Fernando Medeiros (já falecido), João António Álvaro Feijó.

Não há dúvida de que os nossos Emigrantes antes de mais fazem parte do nosso todo. Mais ainda, eles são património dos Açores, honrando as lídimas qualidades da gente açoriana, de modo particular, a honestidade, a dedicação, o amor ao trabalho, e igualmente o carinho, o apego ao torrão natal. Tudo numa palavra: a permanente SAUDADE!

O nosso jornal tem muita honra de lançar uma maravilhosa ponte com todos os Emigrantes, radicados no continente americano e põe as suas colunas para travar diálogo amigo – os de cá com os de lá, e vice-versa.

Das vezes que temos ido ao Convívio dos RIBEIRAGRANDESENSES, onde palpitam os laços que nos unem, reparamos a intensidade de um convívio fraterno, com plena alegria.

Vimos a descobrir a tarefa dos nossos, ao mesmo tempo que constitui um foco luminoso, a projectar as tradições da terra açoriana em paragens norte-americanas.

Foi com satisfação que soubemos da acção dinâmica de um Ribeiragrandense à frente dos destinos do referido Convívio, durante os anos – 1996 a 1999.

Trata-se de **João Luís Morgado Pacheco** – um jovem de espírito que tem sido, na Nova Inglaterra, um obreiro que merece consideração e reconhecimento. (continua na página 5)

De um momento para o outro...

O jornalismo precisa de mudar. Nos Açores, em Portugal e no Mundo. Grande parte da informação que hoje recebemos não espelha a realidade em que vivemos.

O Mundo mudou em 1989, com a queda do Muro de Berlim, e o jornalismo continuou na mesma. O Mundo voltou a mudar no passado dia 11 de Setembro, com os ataques dos extremistas islâmicos aos EUA, e o jornalismo parece estar disposto a continuar na mesma.

(Continua na página 2)



Ribeiragrandenses em Timor

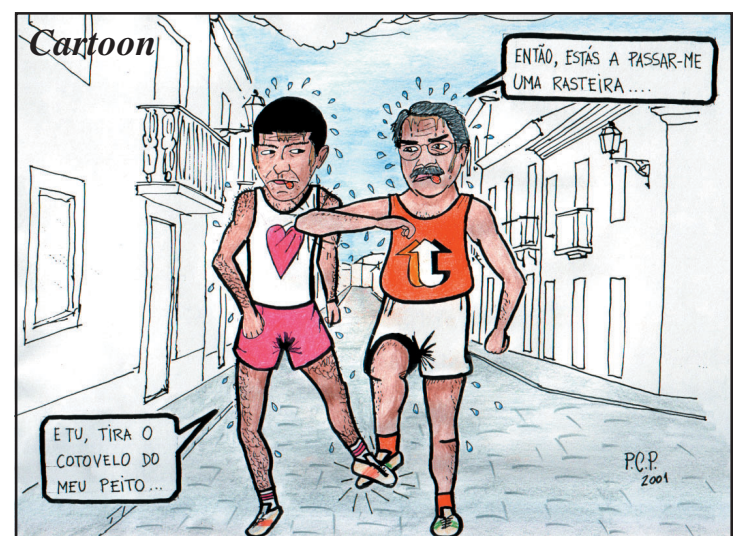
Foram vários os ribeiragrandenses, das freguesias de Rabo de Peixe, Santa Bárbara, Ribeira Seca, Matriz e Maia, que cumpriram a 1.ª Comissão de Serviço (8 meses) em terras de Timor-Lorosae. Partiram em 21 de Fevereiro de 2001. O objectivo foi ajudar a manter a segurança das populações em todo o processo que tem vindo a levar aquele território rumo à Democracia. Alguns já não regressam para a 2.ª Comissão.

Não é o caso de César Miguel Correia Matos Melo Simas, 22 anos, jovem bastante optimista, militar em regime de voluntariado, da freguesia de Santa Bárbara. Já lá está para nova Comissão. Disse ao *A Estrela Oriental*, que o seu trabalho em Timor tem decorrido com grande normalidade. Na sua 1.ª Comissão esteve em Liquiça, localidade a 37 Km da cidade de Díli. Fez muitas patrulhas apeadas. Da sua experiência ressalta: as primeiras



eleições livres no território, o respeito que a população timorense nutre pelos militares portugueses, os cocos, e as suas férias no Bali.

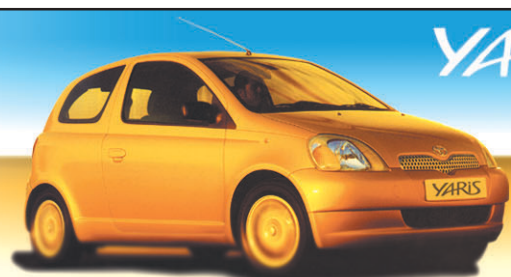
Tal como todos os seus companheiros, César Simas sente que está a contribuir para uma causa muito nobre.



 **TOYOTA**



RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada



YARIS

Crie a sua história

Editorial oliveiramoura@mail.pt

A. Património histórico: Um bem também económico.

Exceptuando dois ou três que, dissuadidos pela legislação vigente, se afastaram do negócio e de um punhado de indefectíveis amantes do património histórico, 'colocava à confiança as mãos no lume' em que mais de 90% dos nossos concidadãos ficaram indiferentes ou até aplaudiram em privado, se não em público, a demolição daquilo que consideravam ser um 'mamarracho barrigudo'. E isto, meus senhores, por ser 'a verdade nua e crua', assusta. Por que se persiste, então, nesta, quanto a nós, insensata senda destruidora? Em nosso entender, deixando de lado algumas pertinentes razões já adiantadas na imprensa de Ponta Delgada, por três motivos:

1- A descoordenação, ao nível dos poderes do Estado, da Região e da Autarquia, entre as áreas do Turismo, da Economia, do Ambiente e da Cultura;

2- A incapacidade ou falta de vontade destes poderes, do cidadão consciente e dos profissionais da área (Museólogos, Historiadores, Economistas, Engenheiros e Arquitectos), até ao momento, em provar que a manutenção do Património, tanto Natural como Cultural, erradamente dissociados, longe de ser um obstáculo ao desenvolvimento sustentado de uma comunidade, é também uma apreciável mais-valia económica. Por outras palavras, além das mais-valias estéticas, históricas e identitárias, inerentes a estes bens patrimoniais, algo abstracto para o cidadão comum, o património, posto a render por quem saiba, seguindo os cânones e acordos internacionais para a sua valorização e protecção, é vital para o nosso crescimento turístico e dá DINHEIRO;

3- A *demonização* liminar de todos os investidores, ainda que muitos o sejam, tidos à partida como perigosos potenciais criminosos, por vezes vítimas da descoordenação burocrática e da falta de diálogo, por parte das instâncias responsáveis e de alguns neófitos *fundamentalistas* do património, em nada facilita a resolução serena e ponderada do problema.

Mal 'assenta a poeira levantada *pelelterçar de armas* em mais uma *Guerra do Alecrim e da Manjerona*', sempre aproveitada pela luta político-partidária, mas raramente ou nunca em prol do património, facilmente se conclui que todos perdem. Perdem os proprietários dos imóveis, em rigor tão-só fiéis depositários daqueles bens, perde a economia da ilha, perdem os defensores do património, perdem os demais cidadãos, proprietários e fiéis depositários da Cidade: 'A casa das casas', como alguém referiu.

É de aconselhar aos responsáveis das administrações públicas, aos proprietários e a alguns defensores do património, a exemplo do que fazem os 'empresários', a organização de visitas de estudo a sério a locais onde o património é uma mais-valia económica: Cidades de Florença, Estrasburgo, Quebeque, ou a cidades de pequena

dimensão na Holanda, entre outras. É de aconselhar igualmente a participação nos conselhos de concertação sociais, a exemplo dos ambientalistas, de representantes das associações de defesa do património. Entretanto, mão pesada para os prevaricadores e aprovação dos diversos instrumentos legais de ordenamento do território, incluindo a definição e dotação do Museu de Ribeira Grande e as suas múltiplas valências nas áreas da investigação patrimonial, conservação e exposição: Museus do Moinho, Arcano, Linho, etc..

Por conseguinte, doutores António Pedro e Ricardo Silva, a solução para as demolições do nosso património, que ocorrem, invariavelmente, em épocas de contenda eleitoral, altura em que o poder político está fragilizado, e aos fins-de-semana, quando as instituições responsáveis estão encerradas e a cidadania parece estar de folga, passará menos pelo apontar o dedo aos putativos culpados - talvez todos nós -, e mais pela genuína vontade em encontrar uma solução adequada. Recordemos o caso, entre muitos, do malogrado Passal.

Até porque, passado o habitual clamor público de uma minoria de cidadãos justamente indignados, seguido de invariável luto, demasiado folclórico para o meu gosto, de juras e de esconjuros colectivos, de propósitos de emenda futura, 'a culpa morre sempre solteira'. E nas raras vezes em que tal não sucede, perante o 'acto consumado', 'a emenda é bem pior que o soneto'. Os mais 'useiros e vezeiros', calejados nestas andanças, segundo eles, meras tricas de comadres, aguardam que a tempestade passe e continuam, impávidos, de consciência tranquila, a fazer o *mesmo e mais forte*.

Até lá, meus senhores, continuem a vossa campanha eleitoral, sem nos instrumentalizar. Façam este favor ao património.

B. O Ante-Plano do Governo Regional para 2002 e a escola da Matriz

Senhores, Presidente do Governo Regional dos Açores, Carlos César, Dr. António Pedro, Deputado Regional, Dr. José de Sousa Rego, e responsáveis pela Área Escolar da Cidade de Ribeira Grande, queiram ter a bondade de informar os pais das centenas de crianças que frequentam em regime de desdobramento as sobrelotadas escolas da Cidade acerca da projectada Escola da Matriz.

A Ante-Proposta do Plano para 2002, da autoria do Governo Regional, contrária, *oxalá* já esteja corrigido, o contemplado na Proposta do Plano Regional de Médio Prazo 2001-2004, aprovada na Assembleia Regional, ao eliminar os 50 000 contos previstos para 2002, num total de 250 000 contos distribuídos pelo quadriénio, a saber: 150 000 contos, em 2003 e 50 000, em 2004.

Não empurrem a putativa culpa de uns para os outros, queremos tão-só a obra feita.

24-10-2001

De um momento para o outro...

(continuação da página 1)

O jornalismo que temos hoje insiste em ser marcado pela agenda dos políticos e dos grupos económicos. Nos Açores, é quase só marcado pela agenda de alguns políticos... Isto significa que os órgãos de comunicação social estão a menosprezar as profundas mudanças que se estão a verificar em toda a parte. Os atentados aos EUA vieram demonstrar que, no mundo ocidental, muita gente andava a dormir antes de 11 de Setembro. O governo norte-americano acordou e reagiu depressa à catástrofe, mas os órgãos de comunicação social persistem na mornaça.

Os jornais queixam-se de perder leitores, todavia a culpa desse fenómeno deve-se apenas ao tipo de informação que praticam. Em Portugal, temos alguma boa imprensa escrita, só que a sua qualidade acaba por definir num cinzento e numa falta de inteligência verdadeiramente conflagradores.

Está na altura de se começar a falar em "novo jornalismo". Porque a informação que temos, hoje em dia, peca por miopia e incapacidade de ver o que está diante dos olhos de toda a gente.

Para fazer um "novo jornalismo" há que assumir uma nova forma de pensar, uma nova forma de observar, uma nova forma de relatar. Uma nova forma de pensar porque a transformação da realidade a isso obriga. Uma nova forma de observar porque a multiplicação dos



poderes a isso obriga. Uma nova forma de relatar porque a alteração dos tempos de recepção a isso obriga.

É uma nova filosofia de vida. Os compêndios pelos quais estudamos foram rapidamente ultrapassados. A velocidade dos avanços científicos e tecnológicos mudou tudo o que conhecíamos, ou pensávamos conhecer. E o ataque dos extremistas islâmicos aos EUA veio demonstrar que a inteligência natural continua a ser determinante na evolução das sociedades.

As tecnologias avançadas servem de pouco se não forem utilizadas com inteligência. Para que serve um jornal equipado com os meios mais sofisticados se não tiver jornalistas cultos e moralmente bem formados? Não basta ter televisões, rádios e jornais, se cada um desses meios não tiver uma estratégia de informação adequada aos tempos que correm.

Repare-se nos cerca de quarenta canais por cabo a que hoje muitos açorianos têm acesso. A maioria deles passa ao lado da realidade. Nem a BBC consegue dar resposta aos desafios da modernidade. E até a CNN foi ultrapassada por uma estação árabe...

No Mundo novo em que passámos a viver (a mudança foi mesmo brusca, aconteceu a 11 de Setembro, demorou apenas 60 minutos e teve lugar por volta da hora de almoço nos Açores...), tudo está em causa. O jornalismo também. Hoje, um grande órgão de comunicação social pode perder importância de um momento para o outro e um pequeno jornal pode adquirir um relevo que pouco tempo antes seria impossível de prever...

PLANTAS USADAS NA MEDICINA POPULAR (6)

Erva Cidreira

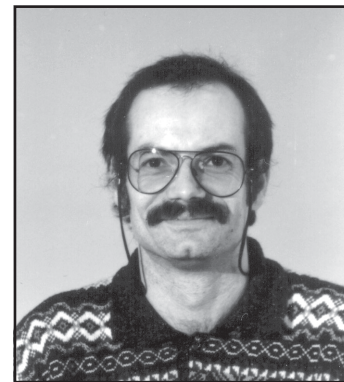
A erva cidreira, de acordo com o Eng.º. Silvano Pereira, era usada na medicina popular para alívio de dores intestinais. No concelho da Ribeira Grande, a erva cidreira era utilizada, em quase todas as freguesias, para diversos fins. Assim, na Maia, a cidreira era usada para combater as dores de barriga e para o coração; no Porto Formoso e Ribeirinha, para "acalmar os nervos"; e no Pico da Pedra, "contra as febres". Yolanda Corsépius, no seu livro, "Algumas Plantas Medicinais dos Açores", refere que alguns galhos da planta fresca colocados nos armários afastam as traças.

Família - Lamiaceae
Nome científico - *Melissa officinalis*

Identificação - É uma planta vivaz, muito ramificada e

aromática, conhecida pelo seu forte e agradável aroma a limão. As suas folhas são ovais, serradas e de nervuras salientes. A erva cidreira é uma planta que é cultivada nos Açores.

Utilização - A erva cidreira, de acordo com o Dr. Oliveira Feijão, apresenta "propriedades esto-máquicas e anties-



pasmódicas (vertigens, má digestões, flatulência, cólicas, espasmos, palpitações, etc.).



Ficha Técnica:

Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: António Valdear, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Fátima Borges, Fernando Silva, João Teixeira, Luís Noronha, Nelson Tavares, Onésimo de Almeida, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Teófilo de Braga, João Miguel Fernandes Jorge

Propriedade:

Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.
Sede: Centro Cultural de R. Grande

Publicidade: Luís Faria

Contacto: 919020517

Paginação: Francisco Veloso

Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda



Porte Pago
Região Autónoma dos Açores

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º: 166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares

Análises: as entrevistas de António Pedro e Ricardo Silva

Dois corações para três Ribeiras Grandes?



As entrevistas dadas pelos dois candidatos à Presidência da Câmara Municipal da Ribeira Grande à edição deste jornal do mês de Outubro sugerem-nos os seguintes comentários:

Ambos os candidatos têm bom coração e parecem gostar sinceramente desta terra. Todavia, como dizia o filósofo Pascal, embora o “coração tenha razões que a própria razão desconhece”, a verdade é que a política se faz mais com a razão do que com o coração e muitas vezes contrariando as razões do próprio coração. Ora as razões e argumentos do candidato Ricardo Silva são, em vários domínios, opostas às razões do candidato António Pedro Rebelo Costa.

Desde logo e em tese geral, o Partido a que pertence António Pedro, é o grande e único responsável pela ausência de soluções para os grandes problemas do concelho nos últimos vinte anos, por causa dele e para parafrasear Daniel de Sá, é que “A Ribeira ainda não foi promovida a Rio.”

Não há dúvida de que o concelho da Ribeira Grande, no seu conjunto, foi sempre subalternizado relativamente a outros concelhos da Região, ‘maxime’ o concelho de Ponta Delgada, por culpa dos dirigentes regionais do

P.S.D. e por sua vez, face, ao próprio concelho, a cidade propriamente dita, foi sempre posta em segundo plano, por culpa dos dirigentes locais do P.S.D. que privilegiaram outras partes do concelho pelo facto de não serem, eles próprios naturais da cidade.

Ora essa política de ‘sacristia’ dividiu e enfraqueceu o concelho ao ponto de hoje se falar, aliás com inteira propriedade, em três Ribeiras Grandes e num apêndice chamado Pico da Pedra.

Inclusivamente esse apêndice foi sistematicamente relegado para uma injusta obscuridade e marginalidade estritamente partidárias ao ponto de fazer os picopedrenses quase desejarem passar a pertencer ao concelho de Ponta Delgada. Foi de facto essa política de ‘sacristia’ que determinou a incapacidade do concelho e da cidade da Ribeira Grande para se afirmar na Região nas últimas duas décadas. O candidato António Pedro justifica essa política invocando três razões fundamentais. O facto de a Ribeira Grande já estar num patamar de desenvolvimento mais elevado comparativamente a outras localidades da Região. O facto de, em determinado período, não se ter aproveitado convenientemente os apoios da C.E.E. . O facto de existir a capital económica e de serviços da Região mesmo aqui ao lado. No fundo o que houve foi a falta de poder e de saber. Falta de poder porque os autarcas deste concelho, durante vinte anos, nunca tiveram voz própria, foram sempre marionetes do

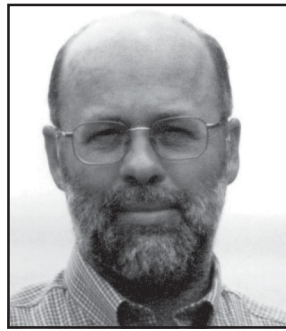
governo regional e não se atreviam a falar com medo de perderem o lugar. Houve falta de saber porque é preciso competência, inteligência, visão prospectiva para saber conceber um plano, uma estratégia de desenvolvimento económico-social equilibrada para todo o concelho da Ribeira Grande. Sejam claros: a culpa aí é inofensivamente dos dirigentes, ou melhor dos partidos que os escolheram para conduzirem os destinos da Câmara Municipal, porque em vez de se preocuparem em escolherem os mais competentes preocuparam-se apenas e só em escolherem os mais subservientes.

E os resultados estão bem à vista de todos: Um concelho enfraquecido, dividido, com gravíssimos problemas sociais por resolver. E a culpa é sempre de quem manda, aqui o pecado é mais de omissão do que de comissão. O coração tem de facto razões que a razão desconhece; mas como os dois candidatos acreditam em Deus (embora o Ricardo fale apenas na sua crença em Jesus Cristo) é caso para concluir dizendo que se só Deus pode conhecer os seus corações não é menos verdade que Deus também só fala aos políticos através da voz do povo. Acima de tudo oiçam o povo que mais sofre!

Ribeira Grande, 8 de Outubro de 2001-10-10

Pedro Paulo Silva

A Serenidade e o frenesim



António Pedro: “tenho uma enorme satisfação e a consciência do dever cumprido em cada ocasião que um problema é ultrapassado”

Ricardo Silva: “este (as vitórias do PSD) foi e espero que não continue a ser o erro e o preço da população ribeiragrandense.”

O embate entre António Pedro e Ricardo Silva é um “remake” das eleições autárquicas de 1997.

António Pedro surge, hoje, como um Presidente serenamente confiante no trabalho desenvolvido ao longo do seu último mandato e na relação de empatia criada com o eleitorado ribeiragrandense.

O candidato do PSD apresenta-se seguro e, ao mesmo tempo, descontraído, ao ponto de, numa entrevista política, dar-nos a conhecer a sua veia poética, os seus valores morais e religiosos. Ricardo Silva aparece outra vez na tentativa de conquistar o poder que o eleitorado lhe negou há quatro anos. Mas com o peso das responsabilidades, para o melhor e para o pior, de quem é Director Regional da Secretaria de José Contente.

O candidato do PS apresenta-se como o Director Re-

gional do Governo de César que quer passar a ser o Director Regional do PS na Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Ao longo da entrevista ao *A Estrela Oriental*, António Pedro apresenta-se com a serenidade de quem tem obra feita, com a firmeza de quem sabe o que quer para o concelho e a ambição certa de quem sabe com o que pode contar.

Ricardo Silva surge como um “outsider”. Como se não tivesse responsabilidades sobre aquilo que o governo socialista não fez no Concelho da Ribeira Grande. Como se não tivesse nada a ver com as “miseras” três faixas da estrada que liga a Ribeira Grande a Ponta Delgada.

O candidato do PS quer fazer crer que o seu Governo não tem nada a ver com a falta de uma política agrícola que pudesse potenciar a “riquíssima produção agrícola e pecuária” da zona nascente do Concelho. E passa a culpa para o seu adversário. Os agricultores e lavradores do Porto Formoso à Lomba de São Pedro não sabem quem são os senhores Fernando Lopes e Ricardo Rodrigues.

Ricardo Silva apresenta Rabo de Peixe como exemplo do que seria uma possível relação entre o Governo socialista e uma Câmara Municipal socialista. Refere-se ao famoso Plano de Intervenção Específica de Rabo de Peixe.

O referido Plano não é mais do que um repescar das verbas espalhadas no Plano de Investimentos anual, nos diversos sectores económicos e sociais, agora com a

chancela de Rabo de Peixe. Ricardo Silva poderia ter dito que o tal Plano para Rabo de Peixe tinha, para investir em 2001, uma verba de 538 mil contos. Até Junho, tinha sido executado 0% desta verba. E que o Governo de César cortou 20% desta verba, quedando-se, assim, em uns míseros 431 mil contos.

O candidato do PS poderia ter dito que no Plano de Médio Prazo estavam previstos, para o ano de 2002, 974 mil contos para a agricultura, turismo, indústria, comércio, transportes, estradas, emprego, solidariedade social, ambiente, cultura, desporto, habitação e calamidades de Rabo de Peixe. Mas que no Plano agora apresentado pelo Governo, os 974 mil contos sofrem um corte de 355 mil contos.

Como se vê, não passa de uma falácia. Que o candidato do PS bem quis esconder.

É neste enquadramento que se percebe o frenesim do candidato do PS, tal como quem tem o “feeling” de quem vem aí mais um “remake” da cena de 1997, a insegurança de quem tem culpas no cartório e quer passar por inocente, a ambição desmedida de quem quer chegar à cadeira do poder, se possível evitando os juízos errados do eleitorado.

É contrastante a serenidade e a segurança de António Pedro com o frenesim e a insegurança de Ricardo Silva.

Os eleitores dirão da sua justiça, em Dezembro.

Hermano Aguiar

ATS **Álvaro Tavares Silva**

25 ANOS

Chaparia * Pintura * Revendedor CIN * Pronto Socorro

Contribuinte n° 812 052 153

OFICINA: Estrada Regional, Ribeirinha - Tel: 296 479 626
LOJA: Rua da Praça, 24 - Matriz - Tel/Fax: 296 472 595
9600 Ribeira Grande - Telem: 96 2561 400

SAPATARIA LIMA

R. Gonçalo Bezerra, 37 9600 - RIBEIRA GRANDE Tel: 296 472 732

Estamos em frente ao Teatro

casa & objectos Ribeiragrandense

Abertos ao sábado

AÇORES

Vieiras, L^{DA}

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ALVARÁS e ORÇAMENTOS

IVL

Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150
Fax: 296 491 732
9600 RIBEIRA GRANDE

MGS

Confeção - Limpeza a Seco

Limpeza a Seco - Lavandaria

Todo o vestuário:
limpeza e tratamento de peles,
vestidos de noiva, edredons, cobertores

Atendimento Personalizado

Rua da Praça, 35 Telef./Fax: 296 474 189

R. dos Condes da Ribeira Grande
Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858

ENG. TAVARES VIEIRA, LDA.

Estudos e Projectos de Arquitectura e Engenharia

Membro da APPC, APAE e APESB
Membro individual da Ordem dos Engenheiros

Elaboramos na área de Arquitectura e Engenharia:

- Estudos
- Projectos
- Fiscalizações
- Apreciação de propostas
- Avaliações
- Planos de segurança, higiene e saúde de prevenção de acidentes de trabalho

HÁ DUAS DÉCADAS

Procuramos garantir aos nossos clientes:
“A melhor solução no espaço e tempo disponíveis e um bom termo na execução das obras”



*Feliz Natal e Um
Próspero Ano Novo*

Sede: Rua El Rei D. Carlos I n.º 67 – 9600 Ribeira Grande
Telef.: 296 470060 (RDIS) – Fax: 296 470061 – E Mail: tavares.vieira.rg@netc.pt

Delegação: Rua N. Sra. do Rosário n.º 4 – 9630 Nordeste
Telef. e fax: 296 488007 – E Mail: tavares.vieira.nord@netc.pt

A melhor pizzaria da Ribeira Grande e Vila Franca do Campo

Promoção de Natal

2000\$00

Frango panado + Pizza 3 estações

Sopa Soup

Frango grelhado Grill chicken

Pão d'alho Garlic bread

Salada

Chesse burger

Bifana italiana Steak sand

Hamburger

Lasagne

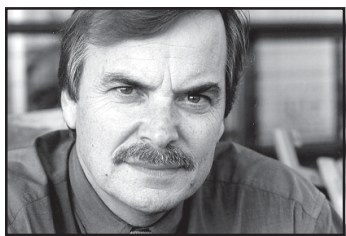
Cachorro Hot dog

Um número que sabe bem
296 474 300
Largo Gaspar Fructuoso - Ribeira Grande

Servimos Refeições e Pizzas para Festas

Um número que sabe bem
296 587 964
Rua Combatentes do Ultramar, 119 - Vila Franca

“O Mundo Pós-11 de Setembro”



O Jornal de Letras, de Lisboa, solicitou-me um texto em resposta a duas perguntas que enviou a diversas pessoas. Por poderem interessar a alguns leitores, aqui partilho as minhas respostas.

1 - Os atentados de 11 de Setembro e o que lhe foi seguido justifica que se diga que «o mundo já não será o mesmo» e vai determinar uma nova ordem mundial?

Depende do que se quer dizer com “nova ordem”. Há sempre o perigo de exagero nestas coisas, sobretudo quando se está ainda muito em cima dos acontecimentos. Evidentemente que nos Estados Unidos o impacto está, e creio que continuará, a ser muito maior do que no resto do mundo. E aqui sim, suponho que os recentes acontecimentos determinarão uma série de alterações profundas que pouca gente se atreverá a vaticinar em termos específicos. Atrevo-me a afirmá-lo por conhecer um pouco a mentalidade americana, sabendo por isso que os americanos vão exigir dos seus líderes medidas concretas que lhes garantam maior segurança. A questão está em que muitas vezes essas medidas não obtêm os objectivos almejados, quer porque resolvem apenas uma faceta ou facetas do problema, quer porque serão em muitos casos soluções “psicológicas”, apenas com suficiente visibilidade para acalmar a opinião pública. De qualquer modo, creio que elas vão surgir. Os americanos não toleram ter de lidar no seu dia a dia com problemas para os quais se não procure uma solução. Podem não encontrar respostas ideais, podem mesmo implementar algumas totalmente desacertadas, mas não toleram deixar-se inertes face a um problema, queixando-se e criticando os responsáveis. Sentem necessidade de qualquer tipo de acção. Mas aqui a responsabilidade é sempre TAMBÉM individual (“O que é que eu posso fazer?”). O *Providence Journal*, por

exemplo, traz diariamente uma página inteira intitulada *How Can You Help?* com uma variedade de sugestões, algumas delas quase insignificantes. O sentimento de impotência face a uma realidade como o terrorismo pode levar grupos mais radicais a exigirem medidas drásticas. Isso poderá acontecer num ou noutro sector, e por algum tempo, mas estou convencido de que os americanos acabarão por encontrar um meio termo porque é muito grande a força do *mainstream*. Esta é acentuada pela expressividade dos números, da grande *majority* (o cidadão pragmático, sensato, *compassionate*, seguidor das leis e respeitador das instituições), mas sobretudo pelo facto de, paralelamente a uma direita radical muito forte e endinheirada, o cenário político americano contar também com uma esquerda muitíssimo activa (lembre-se que os termos “esquerda” e “direita”, e em especial o primeiro, não correspondem aos europeus) a qual, por meios constitucionalmente legítimos, costuma impedir que exageros da direita cheguem a constituir lei.

2 - A actual guerra é apenas contra o terrorismo ou é antes uma guerra civilizacional e/ou religiosa? Quais as suas consequências possíveis?

Também aqui o significado dos termos é importante. Antes de mais, esta não é uma guerra “religiosa” porque os valores religiosos do Ocidente, tendo embora gerado a sociedade contemporânea ocidental, não conseguiram impedir (e até muitas vezes ajudaram) a sua transformação gradual em sociedade civil. Ela é-o por definição, embora inclua o direito à religião entre os seus direitos fundamentais. Uma facção do conflito não reclama portanto carácter religioso para a sua luta. “Civilizacional” será melhor termo, porque se confrontam visões do mundo profundamente divergentes. Poder-se-ia afirmar que nos encontramos dentro dos parâmetros sugeridos por Samuel Huntington em *The Clash of Civilizations*. De qualquer modo, não creio que se possa (e sobretudo se deva) falar nesses termos. Se há milhões de muçulmanos que sentem poder coexistir com a civilização ocidental e, por outro lado,

se a civilização ocidental, de um modo genérico, reclama ser-lhe inerente o pluralismo e por isso aceita no seu seio a existência de membros de expressão religiosa muçulmana, nada como chamar as coisas pelos seus próprios nomes. O que estamos é em presença de extremismos que se digladiam. O pior é que hoje (este é o grande dado novo, pelo menos à escala a que se chegou no 11 de Setembro) eles não podem mais confrontar-se em circuitos geográficos delimitados, tendo passado a envolver-nos potencialmente a todos nós. A luta, antes confinada ao Médio-Oriente, como que nos entrou de repente em casa. A segurança que sentíamos é hoje passado. A nossa confiança na capacidade de resposta do Ocidente a ameaças à paz, instaurada entre nós a seguir à Segunda Guerra Mundial, está hoje periclitante. Se o terrorismo escalar, não serão apenas os Estados Unidos os grandes afectados, visto a cadeia de reacções ser interminável, porque o Ocidente é hoje um quase tecido único em termos sócio-políticos e económicos. Se, pelo contrário, as forças do Ocidente conseguirem controlar o terrorismo, se conseguirmos também colaborar na solução de alguns dos males na raiz do problema, então a ameaça desvanecer-se-á um pouco. Nessa circunstância, embora se mantenha sempre a necessidade de vigilância, e a consciência de que de repente algo pode estalar, a sociedade contemporânea poderá vir a habituar-se ao estilo de vida, que outras comunidades há muito conhecem, onde a tensão faz parte do dia a dia. Se a história do Ocidente é em parte a história da guerra, a partir do 11 de Setembro ficou claro que as maneiras de fazê-la são hoje definitivamente outras, e ao alcance de qualquer um. Essa é a grande (trágica) novidade e ela toca-nos potencialmente a todos nós. Sobretudo aos nossos filhos, porque o futuro deles parece bem menos róseo do que o nosso nos pareceu sempre. Ao menos à minha geração pós-Segunda Grande Guerra.

Providence, Rhode Island (EUA)

Onésimo T. Almeida

João Luís Morgado Pacheco



(Continuação da página 1)

A sua acção tem sido tão proveitosa que o seu esforço, a sua inteligência e as suas iniciativas são muito apreciadas e louvadas, como foi o caso da sua sugestão de se criar o Conselho Mundial das Casas dos Açores – ideia apresentada, e, depois concretizada no 1.º Encontro das Diversas Casas dos Açores, realizado na Horta em 1997.

O 2.º Encontro foi em Lisboa (em 1999); o 3.º, teve lugar em Quebeque (2000) e, no decorrer deste ano, o 4.º efectuou-se no Porto.

Nos anos de fixação nos Estados Unidos, João Luís Morgado Pacheco já exerceu o cargo de

Presidente do Convívio Ribeiragrãndense (1993), de Conselheiro das Comunidades Portuguesas com reuniões na Assembleia da República e, com muito entusiasmo, tem dado a sua colaboração ao sector português do Heritage Labour Museum e à American Schorlarday Foundation.

No seu mandato na Casa dos Açores desenvolveu actividade no campo intelectual com lançamento de livros de João de Melo, Cristóvão Aguiar, Dr. Sampaio Rodrigues. Do mesmo modo, organizou exposições, conferências, e a publicação de um Boletim trimestral.

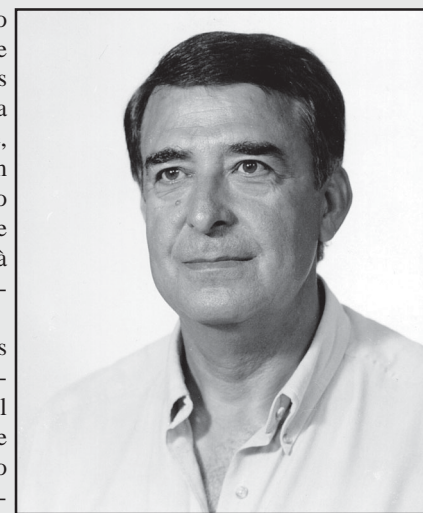
À sua iniciativa deve-se a ajuda de milhares de dólares para o Faial e para Timor.

Muitos de nós, recordamos João Luís Morgado Pacheco como jovem

estudante do saudoso Externato Ribeiragrãndense, onde evidenciou gosto pelo estudo e, também pelo desporto. O seu entusiasmo pelo Futebol levou-o a fundar o ACADÉMICO, equipa com jovens irrequietos que, durante dois anos, deram vivacidade à competição em encontros com outras turmas.

Falando em jogos de solteiros com casados, os mais avançados na idade lembram-se, com certeza, de um jogo (em 1949) no velho Campo das Rezes, em que o árbitro foi o Dr. Jeremias da Costa e os fiscais de linha, João Teixeira de Medeiros e José Peixoto de Oliveira, tendo ganho os casados. O repórter de um jornal de Ponta Delgada escrevia: os solteiros perderam por causa do ditado popular – infeliz no jogo, feliz no amor!

A terminar, é-nos grato informar que João Luís Morgado Pacheco, ao ir para os Estados Unidos, graduou-se no Liceu de Newport, frequentou a Universidade de Rhode Island, tirando o Curso de Gestão de Empresas, e licenciatura de



Contabilidade e Agente de Imobiliária nos dois Estados (Mass. e R.I.). Com os seus dotes e com o seu dinamismo, muito se espera ainda do amigo João Luís Morgado Pacheco, a bem da Comunidade Emigrante e para o prestígio da nossa terra açoriana.



Um grupo de jovens (solteiros) que se bateram com um onze de casados, na época do Carnaval, em 1962. São eles: De pé: Manuel da Costa (fiscal de linha), João Luís Morgado Pacheco, Henrique Lopes, Mário Peneira (electricista), João Manuel Pacheco Alves, Prof. José Cabral (árbitro), J. Carneiro (fiscal de linha). Na outra fila: Rolando Almeida, Eduardo Pereira, Costa Leite, José Maria Raposo Amaral, Mário Medeiros.

E. Manuel

Especial Autárquicas: Prenda de Natal

A *Estrela Oriental*, ressuscitada há apenas sete números, num trabalho voluntário de inquestionável paixão pela terra, deu, de modo isento e atento, voz a todos os protagonistas da liça eleitoral. Como prometido. Cabe agora aos nossos leitores, nossos juízes, avaliar o esforço. Temos, todavia, a consciência tranquila. Seja qual for o desfecho final das eleições autárquicas 2001, no dia 16 de Dezembro à noite, após a contagem dos votos depositados nas urnas, só poderá haver um vencedor: a **Ribeira Grande**.

Ainda que, em rigor, só um dos candidatos possa vir a ser declarado Presidente, correndo o risco de parecer ingénuo, até cínico, ou mesmo utópico, ainda assim, em nome de um futuro melhor para os habitantes da Cidade e do Concelho, todos deverão sentir-se

vencedores.

O candidato empossado Presidente, saído de um processo eleitoral transparente e justo, terá de pôr em prática, com denodo, sem tibieza, nem desfalecimento, nem discriminação, com todos os cidadãos e os vários órgãos de administração pública: Governos da República e Regional, Juntas de Freguesia, etc., o que prometeu na campanha eleitoral. Os outros candidatos, em nome do ‘Superior Interesse Municipal’, assumindo uma postura de salutar oposição construtiva, deverão participar assiduamente – dando achegas e fiscalizando –, na ingente e inadiável tarefa de afirmar a Cidade e o Concelho no concerto das cinco Cidades insulares e na concretização das

infraestruturas essenciais à prossecução desse desígnio:

Erradicação das escandalosas bolsas de pobreza no Caranguejo, Cova da Moura e Bandejo, correcção de assimetrias de desenvolvimento entre as Zonas Nascente e Poente do Concelho, a Via Litoral, o Politécnico, uma rede decente de escolas e de polivalentes, etc..

Não há mais tempo a perder, há que, pondo de parte o que nos divide, unindo forças, a Ilha e a Região o exigem, ‘meter ombros à tarefa’. Que Deus, para os crentes, ou tão-só a consciência bem-formada, para os não-crentes, nos ajudem. Uma boa campanha para todos os candidatos que se apresentam ao escrutínio. Bom Natal e Feliz Ano Novo.

IEI



Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada
Telef. 296 30 23 30 Fax 296 63 64 75 iei.sede@mail.telepac.pt

O que está em causa nas próximas eleições

Ninguém de juízo deixa que sejam estranhos a escolher os seus próprios funcionários. Por exemplo, nenhum comerciante que precisasse de um empregado deixaria que fosse o seu concorrente a escolhê-lo. Nenhum empreiteiro vai pedir às empresas rivais que escolham os serventes que necessita.

Em Dezembro vai haver eleições para as autarquias. Eleger significa escolher, optar, seleccionar. Imagina-se que o seleccionador e equipa técnica da selecção nacional vão pedir aos seleccionadores estrangeiros para escolher os jogadores portugueses?

Não se trata de escolher atletas para disputar um jogo, é um assunto mais sério, o que se vai passar é a escolha das equipas que vão gerir o **nosso dinheiro** durante quatro anos.

O **autarca** é aquele que administra uma determinada autarquia. A **autarquia** é uma entidade composta por órgãos próprios que têm competências repartidas entre si e que têm autonomia em relação aos Governo da República e Governo Regional, dentro dos limites fixados na Lei.

Assembleia de Freguesia e Junta de Freguesia

Os diferentes órgãos da Autarquia são ao nível das Freguesias e do Município. As Freguesias têm a sua Assembleia, composta pelos cidadãos que pertenceram às listas propostas para eleição. As listas, de acordo com o número de votos que têm, dividem o

número de autarcas que é proporcional à votação de cada lista. A **Assembleia de Freguesia elege** depois a **Junta de Freguesia**, indicando esta quem vai ser o seu Presidente, que será, normalmente, o candidato que figura em primeiro lugar na lista mais votada. À Junta de Freguesia compete propor à Assembleia um Plano e o respectivo Orçamento, que a Assembleia aprovará, ou não. A Junta tem igualmente o dever de zelar em primeiro lugar pelos interesses dos moradores e dos equipamentos públicos da sua área. Não tendo verbas, pessoal e utensílios para realizar obras, as Juntas têm de reclamar junto das entidades a quem compete realizá-las, para reparar ou construir o que é prioritário. As Juntas participam também através de um representante na Assembleia Municipal.

Assembleia Municipal

É o órgão mais representativo do Concelho, porque além dos representantes das Juntas (o seu Presidente ou quem o substitua), é composto por um número de cidadãos eleitos directamente, superior em 50% ao número dos representantes das Freguesias. No caso da Ribeira Grande são 14 os representantes de todas as freguesias e 21 os eleitos directamente (14+7). A composição actual da Assembleia Municipal, quanto aos lugares eleitos directamente, é de **11 vogais do Partido Social Democrata - PSD, 9 do Partido Socialista - PS**

e **1 do Partido Popular - CDS/PP**, ou seja, são 11 vogais do partido que teve a maioria de votos e 10 dos partidos da oposição. Das **14 Juntas de Freguesia, 11 têm Presidentes de Junta propostos pelo PSD e 3 propostos pelo PS**.

O número de representantes das listas concorrentes reflecte o método de eleição pela lei de Hondt, ou seja, cada lista elege um número de vogais que é proporcional ao número de votos de cada lista.

A Assembleia Municipal toma posição sobre todos os assuntos de interesse para o Concelho. Em todas as reuniões existe uma Ordem de Trabalhos, mas todos os vogais podem apresentar as questões julgadas oportunas, fazer propostas, recomendações, moções, sobre tudo o que julguem pertinente. Ninguém pode demitir-se de abordar qualquer assunto, mesmo que seja da competência de outra entidade, porque compete aos eleitos locais alertar e reclamar para que estes sejam resolvidos.

As sessões da Assembleia são públicas e qualquer cidadão pode intervir após o cumprimento da Ordem de Trabalhos. O Plano da Câmara Municipal, o Orçamento - as Receitas e Despesas do Município, têm de contar com a aprovação da Assembleia Municipal e a sua execução é fiscalizada por esta.

Câmara Municipal

Este órgão é eleito por proposta de

lista própria, diferente da Assembleia Municipal. Na Ribeira Grande, **na actual Câmara Municipal, há 4 edis eleitos pelo PSD e 3 eleitos pelo PS**. A distribuição dos lugares é feita igualmente pelo método de eleição proporcional e o Presidente é o primeiro candidato da lista mais votada, ou seja, neste caso, o Presidente resulta directamente do voto dos cidadãos, desde que este não renuncie ao cargo, o que poderá acontecer, naturalmente. A Câmara Municipal dispõe de verbas que são transferidas directamente do Orçamento Geral do Estado - OGE, de acordo com a Lei de Finanças Locais, em que cada Município recebe uma quota do OGE proporcional à sua população, ao número de Freguesias, à superfície do seu território e a outros factores. Assim, quanto maior for o Município mais recebe directamente do OGE, mas a grande parte das receitas provém dos programas a que os Municípios podem concorrer para realizar os seus projectos, em que o Estado ou a Comunidade Europeia contribuem com uma parte significativa e os Municípios com uma percentagem à volta dos 15%. Compete aos Municípios apresentar projectos que tenham viabilidade para serem apoiados e receberem as verbas respectivas, porque as receitas próprias que vêm dos impostos directos cobrados pelo Município, das taxas cobradas pelos serviços prestados e das coimas ou multas são pouco relevantes.

Os Municípios podem ainda recorrer ao crédito, sendo a margem de endividamento fixada na Lei, para não atrasar a realização dos projectos, porque as transferências de verbas da Comunidade Europeia e do Estado nunca são imediatas.

Gerir os bens que são de todos

Em qualquer caso, em jeito de conclusão, as verbas gastas pelos Municípios provêm dos cidadãos, ou seja, dos impostos por eles pagos. Todos quantos servem nas autarquias, desde os representantes eleitos até aos próprios funcionários, devem ter a noção que **são pagos pelos cidadãos para os servir**. As autarquias gerem os dinheiros e os bens que são públicos, ou seja, de todos os cidadãos.

A cada cidadão compete estar atento, participar com a sua opinião e crítica para que os seus bens sejam bem administrados e fazer a escolha mais acertada entre os que se candidatam a fazer a gestão desses bens e enriquecer o nosso património, através dos melhores projectos ou programas.

Temos que ser **exigentes com os que se propõem servir-nos**, é para isso que são pagos por todos nós. **Nenhum cidadão pode dar aos outros a responsabilidade de escolher os que acha mais capazes, porque eles não são os donos, são os gestores dos bens públicos.**

L. Botelho

A INTRODUÇÃO FÍSICA DO EURO:

O QUE FAZER PARA NOS PREPARARMOS PARA ELA?

A circulação das notas e moedas Euro (a introdução física do Euro) começa em 1 de Janeiro próximo. O período da dupla circulação termina em 28 de Fevereiro: - em 1 de Março de 2002 o Escudo deixa de poder ser usado como meio de pagamento legal. Quais vão ser as dificuldades que nós, cidadãos e consumidores, vamos ter com a nova moeda?

Os Açorianos estão habituados a ir ao estrangeiro, de visita ou para trabalhar. As dificuldades que encontraram, no início da sua estadia, em lidar com as moedas dos países do seu destino, são as mesmas que todos nós vamos ter daqui a 2 meses. Contudo, essas dificuldades podem ser diminuídas, de modo significativo, prestando atenção à informação disponível sobre o Euro (ler as brochuras, ir às sessões ...) e tendo o cuidado de fazer os "deveres de casa" Euro.

Essas dificuldades resultam do facto de estarmos habituados a avaliar preços e valores monetários em escudos e termos de passar, a partir de agora, a fazê-lo em Euros. A nossa escala de valores irá ser alterada e a habituação à nova escala pode levar mais ou menos tempo e implicar mais ou menos incómodo. O que se pode fazer para diminuir o tempo e o incómodo dessa transição?

Em termos simples temos de antecipar o nosso encontro com o Euro (fazer os "deveres de casa" Euro). Há que começar, por exemplo, a utilizar já os cheques em Euros. Isso obrigá-nos-á a fazer o cálculo da conversão e do arredondamento e os comerciantes terão de conferir se está certo (a partir de 1 de Janeiro de 2002 o Banco de Portugal aconselha a que não se aceite cheques em Escudos). De outra maneira, é aceitar, de bom grado, que os bancos nos convertam as nossas contas bancárias para Euros (o que podem fazer legalmente se não houver oposição da nossa parte): - é um excelente treino Euro receber pela

primeira vez o extracto da nossa conta bancária em Euros!; no próximo dia 1 de Janeiro não haverá uma conta bancária em Escudos no País para amostra (o Escudo só existirá como moeda nas nossas carteiras de 1 de Janeiro a 28 de Fevereiro de 2002). Ainda outro modo de apressar o nosso encontro com o Euro é prestar atenção à "dupla indicação dos preços". Esta passou a ser obrigatória a partir de 1 deste mês de Outubro com o destaque a dever ser dado aos preços em Euros. Se olharmos, com olhos de ver, para os preços em Euros e os preços em Escudos, começamos a reprogramar a nossa cabeça para a nova escala de valores.

Estamos habituados aos escudos porque, sem notarmos isso, fomos decorando em Escudos os preços e os valores monetários mais importantes na nossa vida. O valor do nosso ordenado, da prestação da casa paga ao banco ou da renda de casa, das prestações do carro ou preço dos bens mais consumidos com frequência, etc., são todos eles, "valores ou preços de referência" que estruturam e que possibilitam, sem qualquer esforço de reflexão, o nosso uso da escala de valores Escudo. Daí retira-se a necessidade de não deixarmos para Janeiro o decorar, sublinho, o decorar, desses valores e preços em Euros. Termos os valores e os preços de referência decorados em Euros será um modo eficaz, e sem custos, de preparar desde já a nossa transição para a nova moeda.

Se conjugarmos a tudo isso, algum cálculo mental (vejam o artigo sobre a Aritmética do Euro), estaremos no caminho certo para uma intro-

dução física do Euro facilitada. Portugal teve a sorte - isso foi determinado por uma regra previamente combinada - de ter a Taxa de Conversão que teve: 1= 200.482 (duzentos escudos e pouca coisa mais) porque permite, entre outras coisas, fazer cálculo mental (aproximado) com enorme facilidade. Conjugando esse cálculo mental com a atenção à dupla indicação de preços é uma forma excelente de fazer os "deveres Euro". As empresas e os empresários em nome individual têm todo o interesse em facilitar a transição dos seus clientes para o Euro. Quanto mais

estes estiverem preparados, menores serão os problemas aos seus balcões, nos primeiros dias de Janeiro de 2002. Menor será o seu medo dos enganos e de serem enganados. Fazer a "dupla indicação de preços", aceitar os cheques em Euros - podem recusá-los legalmente mas é inadmissível fazê-lo -, conversar e informar, são práticas recomendadas e, mais do que isso, sensatas do ponto de vista do seu interesse.

Comissão Euro da RAA
21 de Outubro de 2001





de

Álvaro Manuel Morgado Raposo

Novas colecções Outono/Inverno e um mundo de brinquedos para ajudar o Pai Natal

R. Gonçalo Bezerra, 45 - Ribeira Grande
Tel.: 296 472 271 - Móvel: 96 279 88 49

"O Melhor Café da Cidade" agora com dois novos lotes: Platina e Diamante



TABACARIA Jovem

de João Carlos Ferreira Medeiros

Rua de S. Francisco, 88
9600 - RIBEIRA GRANDE
Telefone: 296 473 670

Junto ao Hospital

Revistas e Jornais Nacionais e Estrangeiros

Tão só uma ilusão

Pequena história de Natal. Mesmo se o Natal, em tempo de guerra, não for além de uma quase inútil exploração do caos à ordem. Quando explorar é verbo capaz de conter a irreversibilidade física de uma explosão. Espécie de flecha do tempo viajante no passado, no presente e no futuro. Não sei quem sustenta a casa grande de Santo António. Enorme, na simetria de lojas e varandas de sacada. Tem ainda a falsa em toda a extensão do grande corpo da casa. Fixo a perfeita inserção da porta que dá para a cimalha do prédio. Estreita grade de ferro que percorre toda a parede lateral e entra pela margem do telhado. Quase ponte elevada. Estamos como que na galeria de um teatro. O longe perde-se, além; no descer até ao mar de todo o casario baixo de Santo António e, se nos virarmos para o interior da ilha temos, num crescendo, a imponência da sua solidez compacta. O perto, o que está em frente, configura o adro, a frontaria da igreja, o alteado muro do cemitério. Na porta da varanda cimeira vi uma figura de dupla imagem. Não se tratou de uma ilusão. O sol aproxima-se do solstício e um raio de luz incidiu rápido, forte no vidro da portada. Fez o rosto de um homem tornar-se duplo, ao espelhá-lo com precisão. Num só instante a sua imagem foi-me dada de frente e de perfil. Não era um rosto comum. Parecia eslavo. Ossatura poderosa, da qual todos os traços saem a ganhar: o desenho dos lábios, o nariz, a curvatura ocular. Estava tão limpo o vidro em que a luz da tarde reflectiu e havia tal pureza atmosférica que percebi nos seus olhos, como que em recado, que eu devia esperar. Das vezes anteriores em que observara a casa grande de Santo António, que traz sobre a porta central ou no branco de um liso avental da janela nobre, uma data da segunda metade do século XIX, reparei numa casa térrea que ficava do outro lado da rua e que servia de palheiro. Era, desta vez, uma quadra vazia de portadas abertas a um crescente abandono. Nada disto importa. O Natal, em tempo de guerra, é um tempo temível que nos sujeita a uma opressão cruel; não sei se merecida. Portanto, sempre que me perca em descrições arquitectónicas, fiquem desde já

sabendo que estou a fugir ou que estou, simplesmente, com crescentes dificuldades em encontrar ou em continuar o fio natalício narrativo. O homem abriu a porta da casa. Uma das portas laterais; talvez tivesse aí o seu escritório. Ou só uma divisão vazia amparada a grossas paredes brancas. Não sei. Nunca entrei nessa casa grande de Santo António. Parecia, de facto, eslavo; ou melhor, judeu eslavo. Desses que trazem sempre consigo um estigma de difícil liberdade, de mistura com deus, com a morte e com o tempo. Desses que parecem reflectir num verso vagabundo, esquecido durante anos no fundo de uma gaveta, a responsabilidade, a paciência e o desejo transcendente de testemunhar, entre nós, a ausência do outro; porque o outro é a nossa grande invenção. De qualquer forma, o homem abriu a porta. Fechou-a de mansinho. Veio direito a mim. Estendeu-me a mão e disse: "Álvaro Mateus". Eslavo não era. Judeu, poderia ser. Assunto arrumado: era português. Mais tarde acabei por perceber que ele era um dos reis magos; e como não era preto, não seria o rei negro; e como não era velho, também não era o rei de mais idade. Era, então, o rei que restava. "Não lhe ofereço um café, pois nem sequer sei se o aceitaria. Demais a casa está quase desabitada e temo que não haja nem só um grão de café." Agradeço e ele continuou: "Não pense que em Santo António não há com quem conversar, para que me dirija ao primeiro forasteiro. Não é isso. É que percebi que deve ter seguido uma falsa indicação da imprensa, sobre um órgão na nossa igreja. Sabe, foi um erro. Esse instrumento nunca existiu. Que eu saiba, são dois os órgãos existentes em toda a ilha. Um, está em S. Roque, no convento, a desfazer-se. O outro, restaurado, pronto a qualquer execução. Há-de conhecer, por certo, as gravações de Froberger e de Carlos Seixas que nele tocaram. Há, ainda, uns restos de uma caixa em cujas tábuas resistem um ouro e um vermelho; três ou quatro tubos e o teclado. Estão na capela do Lajido. Levo-o lá, se quiser." "Já é tarde." "Não. Ainda temos uma hora de boa

luz. Nem que seja pela frontaria da capela e pelo poço de maré que tenho no terreiro de uma casa. Vou no meu carro. Só tem que me seguir, no seu. Depois, fica a caminho da Madalena. Onde creio que está." Segui-o. Curioso; sobretudo com o poço de maré. Que contrariamente ao que pensava, sei o que seja. Trata-se de uma construção quadrangular. (Ele haveria de me explicar o porquê desta forma.) Escavado na rocha, onde se procura captar os veios da água que descem para o mar. Nunca tinha visto nenhum. É aqui que começa esta minha história de Natal. Durou a brevidade de uma estrela cadente, inesperada no tão veloz cair crepuscular do inverno. Passou, ígnea, sobre o céu do Lajido, sobre a frontaria plana da capela. Que tem duas janelas de arco perfeito nos extremos do pano de pedra. São dois enormes olhos, cegos, que prolongam a cantaria. Rasgam a sua cegueira ao céu da ilha. Lugar sineiro, um e outro; e nunca tiveram sinos. No espaço que mantém aberto para o vazio, vi cortar o horizonte o brilho breve de uma história de Natal. Caiu no mar. Não entre as duas ilhas, mas no mais além do mar, detrás da ossatura de S. Jorge.

A rua escura do Lajido deixava perder os passos no deserto do mar. Não se via ninguém. Só as pedras que compartimentavam a vinha e uma ou outra casa de pedra tão solta como a dos muros. Um pinheiro ponteiava o escurecer dos ares. (Que, no escuro da pedra e no torcer da videira e do pinheiro bravo, tanta vez a terra do Pico me fez lembrar, como mais nenhuma das ilhas, a terra da Beira Alta.) No chão, nos regos traçados pela água, de entre os vincos das pedras irrompem margaridas. Mínimas flores que vão do branco ao coalhado rosa. Assemelham-se, de mistura com musgos e com a diabelha nascida entre as pedras, com o rés de uma qualquer pintura onde se invoque a natividade. Abriu-se a porta da capela do Lajido. Não sei o santo da sua invocação. Apenas: capela do Lajido. Não estavam as tábuas pintadas do armário de nenhum órgão, mas as figuras que as Escrituras assinalam para o período



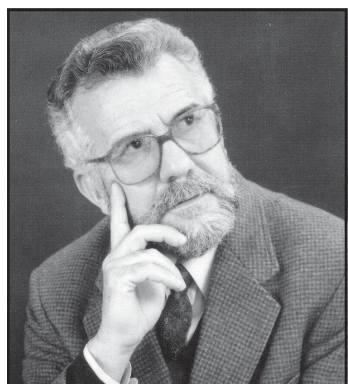
"Menino Jesus no berço e Anjo", trabalho português, 1736 (cortesia do Património artístico da Diocese de Beja)

natalício estavam ali, sobre o chão carcomido. Figuras mais de amargura do que de inefável sucesso. Três mil anos já passaram: que calor dos animais, de vaca e burro, será preciso para que o recém-nascido não morra? À falta de enfaixe, o menino estava nu sobre uma pia de pedra. Esboqueirada. Mais semelhante a uma manjedoura do que a barroco leito de fio de prata e menino de ouro, adormecido. Irá perder-se no Egipto, o menino. E, logo, será rapaz; e, logo, homem na tormenta da sua terceira década. E o homem está concertado para o fogo e magro, como um cão. Enquanto homem, quer uma pedra onde descansa e que lhe tragam aos lábios ressequidos a água de um veio do poço de maré. No presépio armado no chão da capela, vi o infante que nasceu. Um descolorido menino. Parecia-se com Antero (de Quental). Rodeado, não pela Virgem nem por S. José; amparava-o, soerguiam-o da corroída madeira do chão, a Natureza e as Paixões. Eram as

figuras de onde terá nascido. E Antero, que sabia, em vertigem iluminada, acerca dos três estados do tempo, interrogava-se em sabedoria, ao modo de Agostinho, nas *Confissões*: "Que é o tempo do natal? Quando ninguém me pergunta, sei o que é esse exacto tempo festejado. Quando quero explicá-lo a alguém que me pergunta o que é o tempo da natividade, eu não sei." O homem da casa grande de Santo António tinha agora asas e um corpo de prata. Já não era rei. Era o anjo custódio da guerra. Levou um dedo aos lábios, pedia-me silêncio. Sobre o céu da ilha corria, em violência salvífica, um Tomahawk. Porque a guerra... A guerra não é exactamente o mesmo que gostar de desconhecidos; nem o natal, tão pouco, arco perfeito rasgado para levar sinos.

João Miguel Fernandes Jorge

Uma conversa sobre Nemésio - V



No ano de 1976, Nemésio publica o seu último livro de poesia, *Sapateia Açoriana*. Livro controverso e polémico - muitos dos poemas são uma diatribe contra o chamado *colonialismo português* nos Açores - saiu do prelo numa altura em que estava ainda em vigor, nas Ilhas, principalmente em São Miguel, a fúria independentista. E o livro serviu de bandeira: *Na cinza parda o vento esconde as bombas / Da independência. / Há sombra em todas as lombas, / Espírito Santo na violência...* Li o livro e fiquei indignado. Foi como se a minha

admiração pelo Poeta tivesse sido beliscada. O tempo, porém, lavou a nódoa. Peguei então de mim e do livro e fui, numa tarde de Sexta-feira, a casa de Paulo Quintela. Li-lhe os poemas mais ferozes: *A perfídia centralista outorga carta de Colónia às Ilhas. / Um rumor de agulhadas, de bulldozers velhos, latas de leite, corre as ondas. / Chamam-nos os mortos, o mulherio, os baleeiros mansos com o cabo do arpão nas unhas. [...] / As furnas são nossas, / As pipas do vinho velho são nossas, / As carroças do peixinho nossas, / O leite das tetas que ordenhamos, / As pontas com poucos faróis e muita craca, / Os caminhos seculares mal calçados. / Os chafarizes com um tapete de bosta quente cheiram bem. / Vamos salvar as Ilhas: Eu tenho lá ossos de Pai e Mãe... / Amiga, espera-me com as tuas inesgotáveis reservas exofálmicas: / Arregalar os olhos é um privilégio oportuno. / Tu outra, conta comigo na tua dureza brusca (tu que és sempre menina)[...] / Estes filhos de cerva não-de afinal entrar na linha, [...] / Eles que nos tratam como se*

andássemos de tanga. / (Até que me passe a zanga)..." No fim da minha leitura, Quintela riuse e acalmou-me: "O Nemésio é só poeta, não vejas nisso nenhum ideário político; são apenas desabafos de um lírico ferido"... Acreditei no meu velho Mestre de Humanidades e de Humanidade... Era, no fim e ao cabo, um Poeta enfurecido, em verso terso e duro, mas que não deixou de ser desfrutado pelos aguerridos independentistas. Até notas com a sua efígie circularam pelas Ilhas, numa antecipação do que seriam as Nove Repúblicas Livres dos Açores... Tudo, enfim, passou. Só o Poeta não, que é feito de outra argila. E é esta a razão por que estamos aqui reunidos a festejá-lo, em Penacova, o Concelho onde mais moinhos existem no País. E Nemésio adquiriu alguns. E um deles foi legado à

Câmara em Junho de 1980. Houve cerimónia condigna, a família presente, David Mourão-Ferreira evocando o seu Mestre... Porquê Penacova e porquê moinhos? A um Poeta da estirpe de Nemésio tudo é consentido. Primeiro, porque a região de Penacova tem grandes parencas com a Ilha. Dir-se-ia que é uma ilha que veio pedir guarida ao distrito de Coimbra, com as suas paisagens tranquilas, iluminadas e coloridas, os seus verdes variegados e sedativos, o seu mar escasso no Mondego compendiado, as suas escarpas, as suas terras férteis, os seus caminhos serpenteados, as suas bandas de

música, a sua vegetação luxuriante - tudo a condizer com a Ilha perdida... E Nemésio, que... *nem a ilha nem a linha / Das águas em que a deixei / Quero. Nem ela é minha: / Fique-lhe a tinta que lhe dei*, enamorou-se desta terra sem desmanchar o namoro com a que lhe encheu os porões de sensibilidade. Depois, os moinhos: a metáfora exacta de quem passou a vida moendo os grãos do sonho em farinha de poesia. Penacova esteve à altura do Poeta. Bem haja ela por esta celebração. A Poesia agradece que a acariciem.

Cristóvão de Aguiar

Boa Gastronomia
com o Mar
Como Horizonte

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

TALHO E SALSICHARIA

I D E A L



Rua do Rosario
Telefone 296 473 425

ABRE BREVEMENTE

CONSTRUÇÕES



Alvará nº 33292 (50.000 cts) Alvará nº 33288 (100.000 cts)

Fernando Perceira

LOJA 1: Rua Gonçalo Bezerra, 18 - Ribeira Grande
 Tels: 296 474 462 / 485 / 486 - Telm: 96 4863 276
LOJA 2 & ESCRITÓRIOS: Rua dos Foros, 27 R/C - Ponta Delgada
 Tels: 296 281 844 / 847 1921

Largo das Freiras Ribeira Grande




A TINTA QUE VENCE NA QUALIDADE E NO PREÇO!



Comissão Euro

da Região Autónoma dos Açores

VERÃO E OUTONO DE 2001

CAMPANHA "O EURO NAS FREGUESIAS DOS AÇORES"

Sessões realizadas e previstas

<p>Ponta Delgada</p> <ul style="list-style-type: none"> Arrifes Feteiras Fajã de Cima Mosteiros Fajã de Baixo Remédios da Bretanha Livramento S. Pedro Capelas Fenais da Luz S. Vicente Ferreira Relva Covoada Sto. António <p>Nordeste</p> <ul style="list-style-type: none"> Santana Lomba da Fazenda Achada 	<p>Ribeira Grande</p> <ul style="list-style-type: none"> Maia Ribeira Seca Calhetas Rabo de Peixe Lomba de S. Pedro Conceição Porto Formoso Sta. Bárbara Matriz <p>Angra do Heroísmo</p> <ul style="list-style-type: none"> Cinco Ribeiras Altars Terra Chã S. Mateus S. Bartolomeu S. Sebastião Porto Judeu Sta. Bárbara Serreta 	<p>Povoação</p> <ul style="list-style-type: none"> N. Sra. dos Remédios Ribeira Quente Água Retorta Faial da Terra <p>Corvo</p> <ul style="list-style-type: none"> Vila Nova do Corvo <p>Horta</p> <ul style="list-style-type: none"> Matriz Angústias Conceição Salão Praia do Norte Castelo Branco Pedro Miguel Capelo Cedros Ribeirinha <p>Madalena do Pico</p> <ul style="list-style-type: none"> São Caetano Candelária 	<p>Praia da Vitória</p> <ul style="list-style-type: none"> Fontinhas Vila Nova Lages S. Brás Biscoitos <p>Lajes do Pico</p> <ul style="list-style-type: none"> Lajes <p>Lagoa</p> <ul style="list-style-type: none"> Rosário Ribeira Chã Água de Pau <p>Vila Franca do Campo</p> <ul style="list-style-type: none"> Ponta Garça Ribeira das Taíñas <p>Vila do Porto</p> <ul style="list-style-type: none"> Sta. Bárbara St. Espírito Vila do Porto S. Pedro Almagreira 	<p>Calheta de S. Jorge</p> <ul style="list-style-type: none"> Norte Pequeno Norte Grande <p>Velas de S. Jorge</p> <ul style="list-style-type: none"> Velas <p>Sta. Cruz das Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> Cedros Sta. Cruz Ponta Delgada Caveira <p>Lajes das Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> Mosteiro Fazenda Lajedo Fajã Grande Lajes Fajázinha Lomba <p style="text-align: right; font-size: 0.8em;">(Situação em 8 de Novembro de 2001)</p>
---	---	---	---	---

www.euro.raa.pt

Contacte a Comissão Euro da RAA para agendar a sessão de divulgação na sua freguesia

Diálogos: António Pedro Costa
(Continuação da página 7)

Matriz/Conceição/R.Seca/Ribeirinha - É urgente a criação de um Hotel e de mais uma escola EB/JI. Que pensa fazer sobre isso?

A.P.- A construção de um hotel está em boas vias de concretização, atendendo ao interesse de vários privados em investir nesta área. Existem algumas iniciativas que se desenrolam com segurança e o 1.º a concretizar a sua intenção terá sucesso assegurado. A Ribeira Grande precisa de um hotel com características de cidade, com a capacidade média de 50 quartos, para ser viabilizado o seu funcionamento. A Câmara lançou-se em contactos em diversas frentes, no sentido de incentivar a construção do hotel e as suas diligências estão a dar resultados palpáveis.

Quanto à construção de uma escola do 1.º Ciclo, esta incumbência, embora seja da responsabilidade do Governo, a Câmara já tem um projecto e já definiu o local onde será construída. Trata-se de uma necessidade imperiosa, a fim de acabar com o regime de desdobramentos na cidade. A Câmara já despendeu verbas na concretização deste processo e espera ser compensada financeiramente pelo Governo. O Senhor Secretário Regional da Educação já prometeu em diversas ocasiões que resolverá este problema, mas ainda não está incluído no orçamento governamental as verbas correspondentes.

Santa Bárbara - Por onde optar: pela criação de um complexo desportivo, onde a Escola da freguesia será incluída, ou pela construção de um ginásio no terreno anexo à Sede da Junta de Freguesia?

A.P.- Se, por um lado, a construção de um ginásio nos terrenos anexos da Junta de Freguesia possibilitaria uma localização estratégica para toda a freguesia, por outro, a escola necessita igualmente de um polidesportivo.

De acordo com o projecto de beneficiação da escola, para além de uma cantina e de mais salas de aula, uma zona coberta para a educação física e desporto, faz parte

das obras a implementar.

Assim sendo, a opção imediata é concretizar o previsto para a escola, nunca inviabilizando um projecto futuro de aproveitamento dos terrenos anexos à Junta de Freguesia.

Ribeira Seca - De que estruturas de apoio o Areal de Santa Bárbara poderá usufruir de forma a ser rendibilizado quer como zona de lazer e, simultaneamente, como forma de combate à pobreza e exclusão social que grassam naquela zona?

A.P.- Como se sabe aquela zona faz parte integrante do projecto em elaboração da via marginal de lazer e, como tal, a sua valorização e o reordenamento serão contemplados no futuro.

Contudo, importa aproveitar os espaços disponíveis para entretanto ser destinada a zona de lazer.

Encontram-se apenas no plano das intenções projectos de dinamização turística que a Edilidade deve acarinhar, dado que aquela zona pode ser devidamente aproveitada. As obras da via marginal irão implicar o realojamento e dignificar aquele espaço como zona privilegiada da cidade.

Ribeirinha - Para quando a Via Litoral que vá da Ribeirinha à Ribeira Seca?

A.P.- No próximo mandato teremos a oportunidade de concretizar este justo anseio da população.

A cidade voltada para o mar terá um novo reordenamento urbano e a Ribeira Grande com a sua nova feição será uma terra com futuro.

Eu acredito vivamente que esta cidade e este Concelho caminham na direcção certa, porquanto, com determinação, mas serenamente, a Ribeira Grande tem-se afirmado no contexto dos Açores, pela qualidade das suas estruturas e pela dignidade das suas realizações.

Temos gente boa e temos gente trabalhadora. Há que continuar a incentivar toda essa gente a contribuir para o desenvolvimento e progresso do seu Concelho.

Destaques

O Senhor Secretário Regional Contente e o escultor Ricardo Lalanda

Louvor seja dado ao Senhor Secretário Regional da Habitação e Equipamentos, Senhor José Contente, já que teve a excelente ideia de implantar na Rotunda que faz a ligação entre a Estrada da Ribeira Grande e a Variante Sul à Cidade, uma peça artística, ao que parece em granito, do consagrado escultor Lalanda. A peça, três colossais, mas diferentes, formas geométricas, é deveras brilhante no seu efeito estético. Quem ali transita nos sentidos Norte-Sul e vice-versa; no caso da Variante Sul, no sentido Nascente-Poente, bem como se se fizer a Rotunda seguindo o sentido dos ponteiros do relógio ou o seu contrário, certamente, aperceber-se-á de um caleidoscópio de formas geométricas. A sensação é a de que se trata de uma obra em *movimento*.

Que a ideia do Senhor Secretário José Contente sirva de lição aos autarcas da Ribeira Grande, já que nada têm feito

para embelezar as rotundas que pululam pela Cidade. Entretanto, as mesmas, todas elas anónimas (uma delas, pelo menos, já deveria ter o nome de D. Manuel I), em vez de peças escultóricas, têm vindo a ostentar *outdoors* com as caras de candidatas a múltiplas eleições. É razão para se dizer que continuam demasiado inestéticas.

A Estrela Oriental entende a atitude do Senhor José Contente, por um lado, como um puxão de orelhas à actual Autarquia Ribeiragrãndense, e, por outro, como mais um exemplo de quem tem ideias para o crescimento desta nossa briosa terra, infelizmente, são pessoas de fora dela.

O poeta-cantador João Plácido Júnior

A Lombinha da Maia, terra da Senhora das Dores, esteve bem quando, em pleno festejo dos 100 anos da *Benção da sua Igreja* (Setembro último), ao colocar um busto, da autoria de Ricardo Lalanda, num dos seus Largos, soube enaltecer o

nome de um dos seus filhos: trata-se do poeta-cantador Mestre João Plácido Júnior (nasceu em 1911, vindo a falecer no Canadá em 1983), um homem incansável que sempre levou a sua terra natal, por consequência a Ribeira Grande, a todos os cantos por onde poetou e cantou (Ilha de São Miguel, Canadá, Estados Unidos, Bermuda).

O busto tem um profundo significado, já que, acima de tudo, é a identidade da Lombinha da Maia, e, no fundo, do nosso Concelho, que ali está presente. *A Estrela Oriental* congratula-se com todos os que não tiveram medo de honrar um cantor que, durante largos anos, andou de par e passo com uma Terlu, um Charrua, um Carvalho, e muitos outros.

Numa quadra dirigida ao Carvalho Mestre João disse: "Se o dinheiro resgatasse/a vida da criatura/ os homens de alta classe/ não desciam à sepultura". (José Plácido, Org. de, *Homenagem ao Mestre João Plácido*, Peregrinação Publications, 2001).

Opinião

A nova face da Ribeira Grande

A primeira vez que vim trabalhar para a Ribeira Grande, fiquei encantada com a paisagem oferecida pelo miradouro de Santa Luzia. O mar em todo o seu esplendor formava desde as Poças até à praia, um manto branco de espuma.

Alguns anos depois, vim morar para a rua de Santa Luzia e foi daqui que os meus 3 filhos saíram para continuarem os seus estudos. Por aqui fui ficando sentindo esta cidade um pouco minha.

Porém, ultimamente, talvez por estar mais embrenhada na vida social da cidade, algumas situações se têm revelado um pouco insólitas.

Começaram a construir um desses descaracterizados mamarrachos, mesmo em frente da minha casa. Como não estava visível a licença de construção, dirigi-me aos serviços municipais, para pedir explicações. (Quantos pisos teria a dita construção e se estava devidamente licenciada?).

Não vou prolongar este artigo



relatando a forma como fui tratada na Câmara Municipal. Sugestão aos autarcas: mandem os funcionários tirar uma formação de atendimento ao público.

Gostava, no entanto, de chamar a atenção para o (des)ordenamento e a (des)caracterização em que estamos transformando a nossa cidade.

Em vez de tornarmos as nossas cidades, com zonas aprazíveis de lazer e espaços de são convívio, estamos a permitir que os interesses económicos de alguns sejam mais importantes do que o bem estar de todos.

Tenho pena que alguns autarcas da nossa região não façam uma viagem

pela Europa e tirem partido dos ensinamentos dos outros países.

Enfim, enquanto os outros tentam mostrar o seu melhor, nós continuamos a mostrar o nosso pior (a nossa falta de ordenamento do território, o lixo pelas nossas encostas, e mais não digo...).

Para terminar só queria levantar outro problema que fica para uma próxima crónica. Para haver participação das pessoas na vida política, temos todos a obrigação de contribuir para que se saia da ignorância.

A ignorância é a melhor forma de termos cidadãos pacíficos, mas não é isso que queremos, ou será...?

Ribeira Grande, 2001.10.02

P.S. - Passados dias apareceu na frente da dita construção, este aviso, que seria preenchido pelo próprio proprietário, algum tempo depois. Será que a lei o permite?

Gloria Silveira

Azálea Florista

Deseja um Santo Natal e Feliz Ano Novo

Rua de S. Francisco, 53 Tel: 296 473 499
9600 Ribeira Grande Fax: 296 473 399

SALSICHARIA / CASA

TAVARES Deseja Boas Festas

De: José Domingos & Filhos, Lda.
R. S. José, 25 - St.ª. Bárbara - Ribeira Grande
Tel: 296 472 481 - Fax: 296 477 450

Restaurante Leão

Encerra às terças

Av. Fulgêncio F. Marques
Ribeirinha - 9600 Ribeira Grande
Tel: Restaurante: 296 479 420 - Cervejaria - 296 479 996

JOÃO GOUVEIA MONIZ & FILHOS, LDA.

CONSTRUÇÃO CIVIL
MADEIRAS * BLOCOS DE CIMENTO
VIGAS E ABOBADILHAS
CARPINTARIA MECÂNICA
MÁQUINAS DE TERRAPLANAGENS * CAMIONS

SEDE: RUA DO MOURATO, Nº 70
Telfs. 296 472 377 - 296 472 468 - Fax 296 473 022
RIBEIRA SECA - 9600 RIBEIRA GRANDE
SÃO MIGUEL - AÇORES

Rádio Nova Cidade

105.5 FM

Telfs. 296 472 738 / 296 472 802 Fax: 296 472 654 e-mail: rnc@azores.net

Nortadas

nortadas@mail.pt

Obras na Senhora [sic] dos Passos
O Sr. Manuel Borges, incansável Provedor da Irmandade do Senhor dos Passos, proprietário do celeberrimo 'O Balão', em nome dos restantes mesários, agradece publicamente ao Governo Regional, ao Deputado, Dr. José de Sousa Rego e ao Director Regional de Habitação, Dr. Ricardo Silva, o esforço que conduziu ao apoio financeiro para a recuperação da ímpar fachada da igreja do Espírito Santo, também conhecida por dos Passos e Misericórdia Velha. Todavia, para que se dê início à obra, aguarda apoio técnico-científico, ou seja: a disponibilização de técnicos qualificados na área do património e de uma equipa de hábeis e experimentados canteiros, com obra feita, entre outras, na igreja Matriz de Ponta Delgada, adstritos, pelo que se sabe, à Secretária de Habitação e Obras Públicas. Tal deverá ser feito de acordo com os pareceres técnicos de um Relatório elaborado por uma equipa interdisciplinar e entregue à DRC, gestora daquele Imóvel de Interesse Público, classificado desde a década de cinquenta.

A atitude do Sr. Provedor, é não só louvável como recomendável, pois, ao contrário de 'muitos sapateiros que ousam ir além da chinela', com os resultados catastróficos que todos conhecemos, veja-se o caso do edifício seiscentista levianamente demolido, o Sr. Manuel Borges tem o bom-senso e o cuidado, ele que percebe como ninguém de 'canários' e de outros petiscos ribeiragrandense, mas que não entende de recuperação de imóveis classificados, de querer fazer *as coisas como mandam as regras*. Fossem todos como ele e o nosso Património estaria bem melhor. Obrigado pela sua dedicação e carinho para com a nossa igreja do Espírito Santo. A talhe de foice, seria de considerar o desvio do trânsito pesado pelas duas artérias que dão acesso àquele edifício.



Açoriano Oriental

Esse nosso irmão mais velho, nascido em 1835, somos o

segundogénito, cujos principais parceiros respiraram o ar da Ribeira Grande, muitos dos quais lá repousam o sono eterno, e cujo *oriental*, se Deus Nosso Senhor não acudisse, caía no balde de lixo da nossa História, honrou-nos na sua edição de 3 de Outubro com uma referência à nossa página *Web*, da autoria do versátil e habilidoso jovem Hélder Correia.

Aproveitamos o ensejo para dar os parabéns ao seu Director, Sr. João Manuel Alves, nosso *conterrâneo* da Maia, pelo novo visual gráfico, a quem de bom grado oferecemos uma assinatura anual do nosso jornal, para que ele o leia como nós ao seu. Sinceros votos de boa sorte na sua nova *'empreitada'* e que não desmereça em nada os venerandos pergaminhos do nosso A. O..

EXPRESSO DAS NOVE

Expresso das 9

Ainda que, para quem não nos conheça, possa eventualmente parecer, desta *pecha* não nos livraremos totalmente, que *A Estrela Oriental*, pequena 'folhinha das berças da ilha do Arcaño', elogia E.J., poderoso *Citizen Kane* arejado, na esperança de E.J. retribuir-lhe o elogio, impõe a mais elementar justiça e a boa educação que se deixe registado em letra de imprensa: Eduardo Jorge, o teu jornal é uma saudável lufada de ar fresco: de ideias, de ousadia, de juventude, de iniciativa. A comprová-lo à saciedade está o bem concebido novo visual da vossa página *Web*. Já agora, para não termos só fama, mas também termos algum proveito: não queres dispensar a este jornal da tua terra um dos teus habilidosos jornalistas? Boa sorte para os lados da 'Pérola do Atlântico'. E cumprimentos ao Alberto João, o tal da *'Opus Night'*.

'Uns são filhos, outros enteados?'
Comerciantes ilustres da nossa praça queixam-se, e com carradas de razão, de que a RTP/A, que deveria ser de todos, acaba por ser só de alguns. Vem isto a propósito da dualidade de critérios no tratamento de inaugurações, certamente não por culpa das infraestruturas beneficiadas.

Senhor António Barbeiro

Sem ti, sem a tua dedicação, a tua honestidade e a tua disponibilidade,

o Ideal não teria ido tão longe como foi. Onde quer que estejas, estarás por certo a organizar uma nova filial do teu Ideal. Que Deus te tenha em bom lugar. Obrigado pelo muito que deste aos jovens da tua terra, tal como outros no teu eterno rival, hoje infelizmente fechado, Águia.

Dois pesos e duas medidas?

António Pedro, ao concorrer há oito anos atrás ao seu primeiro mandato autárquico, sendo então assessor do inefável Natalino Viveiros, fez questão, e bem, em sublinhar a potencial *mais-valia* que adviria para a Ribeira Grande o facto de conhecer de 'ginjeira' 'os corredores do Colégio'. Todavia, estranha-se que, em circunstâncias idênticas, Ricardo Silva, actual Director Regional do infatigável José Contente, conhecedor dos mesmos corredores, candidato do PS à Ribeira Grande, seja, por alguns, acusado, pelo mesmo facto, qual *menos-valia*, de pecado. Não interessa, até, que na realidade de nada tenha servido ao primeiro, ou que eventualmente não venha a servir ao segundo. Em ambas as circunstâncias de nada serviu nem servirá à Ribeira Grande.

A Ribeira Grande e a sina dos corredores do Colégio

Há muitos anos, nos primórdios da instituição do Regime Autónimo, em inícios do século XX, ainda na era do Rei, em jornais da Ribeira Grande, vários foram os que apontaram que, em relação à situação anterior, teria havido apenas uma mera substituição de tutela: o Terreiro do Paço, em Lisboa, transferira-se para o Colégio, em Ponta Delgada. Nada mais. E com razão. Registe-se. Coincidência ou não: o Colégio em questão transformou-se na sede da Secretaria de Natalino Viveiros e de José Contente. Coincidência ou não ainda, é a *Alma Mater* dos nossos principais contendores à Câmara Municipal de Ribeira Grande. Espera-se agora que tendo a terra alcançado o Terreiro do Paço local se reponha o equilíbrio das causas!

Crónica de Demolições Anunciadas

Quem queira presenciar, na Cidade de Ribeira Grande, uma *demolição* a preceito de mamarrachos seiscentistas, com *catterpillars*, camartelos e toda a parafernália do costume, a exemplo do que se passou com o Passal, etc., deve

reservar **assento** junto da autarquia, da Delegação Local da Direcção Regional de Cultura ou na sede de campanha do PS/Ribeira Grande, o mais tardar na sexta à noite. No sábado, mal rompa o dia, muna-se de resguardo contra o pó, e ocupe o seu lugar. Os retardatários correrão o risco de assistirem ao evento de pé. Por

tal eventualidade, ainda que lamentando, a organização desresponsabiliza-se do que possa vir a suceder. São sempre servidos licores e biscoitos locais.

Hiper Modelo

Paulo Neves, seus associados e superiores hierárquicos estão de parabéns pela nova loja na Cidade de Ribeira Grande. Que tanto os consumidores como o comércio, em geral, possam beneficiar do impulso que tais empreendimentos geralmente fomentam.

Património a saldo, perdão a salvo
Os moinhos do Vale foram à vida: são hoje amplos e frescos armazéns de horto-frutícolas, de coco-colas, laranjadas e cebolas; o Moinho Novo também: será futuramente uma qualquer coisa, etc..

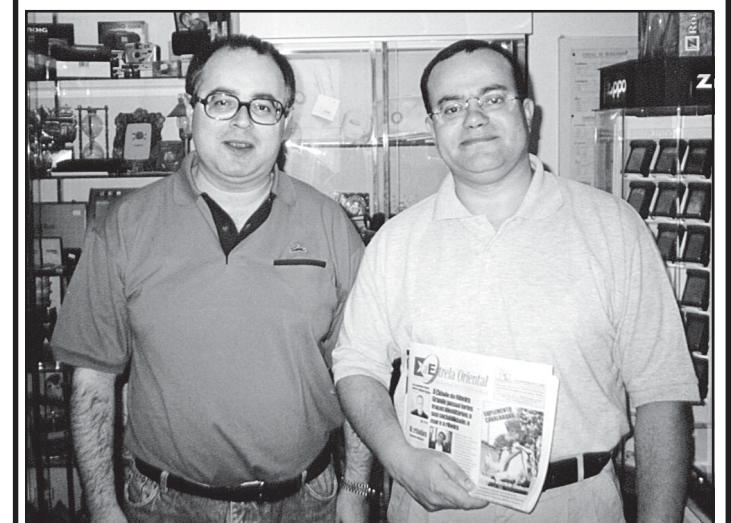
Que não se transformem em 'almas penadas' no 'Ciclo do Turismo'. A propósito, a sua salvaguarda e valorização constava do último programa eleitoral de um dos recandidatos. Adivinhem qual? Aqui a autarquia tem também 'culpas no cartório'.

A Festa do Leão Zé Luís



Zé Luís 'Petinga', como é afectuosamente conhecido pelos amigos, um Leão dos quatro costados, mal o seu Sporting, após doloroso jejum de 18 anos, ganhou o Campeonato nacional de Futebol, deu uma festa de arromba no quintal da sua oficina, tanto para amigos como para inimigos, subentenda-se *doentes* de outros clubes. Porém, o jornal do seu Sporting, a quem por interposta pessoa, fez chegar fotografia do evento, não deu 'cavaco'. Se te servir de consolo, amigo Zé Luís, o nosso dá: aqui estás, todo pimpão, e pelo andar da carruagem, por muito que te custe, até daqui a 16 anos, para quem estiver vivo, em 2017!

Emanuel & etc.



Cúmplice da primeira hora, era tal o desejo da terra ter um jornal seu, que bateu todos os recordes de venda da sua Livraria com os nossos primeiros números, pulou de alegria ao folhear o primeiro número, amigo indefectível, *fuseiro* até à raiz do cabelo, há pouco estendeu o seu *império* à Maia e recentemente ao nosso Hiper Modelo. Parabéns também para ti, Clarinha, *cara-metade* do Nécas. Para quem não saiba, Nécas, Néquinhas e Emanuel são tudo nomes do mesmo. E votos de muitos Euros.

Porém, perdoa-nos Nécas, mas a verdade é para ser dita, outros cúmplices da primeira hora, muitos dos quais nossos amigos comuns, fizeram-nos chegar a estranheza, porventura não totalmente correcta, de que nem sempre dás o devido destaque ao nosso jornal, ou seja, não o colocas em cima dos outros. Cientes de que o farás, desde já te agradecemos.



Confecção - Limpeza a Seco



Somos especialistas na **confecção por medida** de fatos do dia-a-dia, fatos de cerimónia, vestidos de noite, vestidos de noiva. Fazemos arranjo e transformações. **Atendimento Personalizado**

Rua da Praça, 35 Telef./Fax: 296 474 189

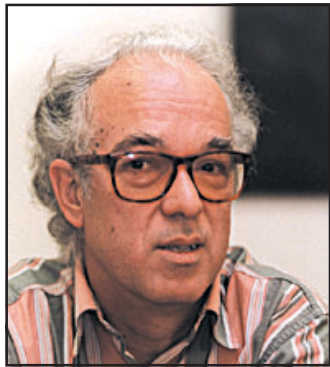
Num só espaço
Tudo para a sua casa
Mobiliário - electrodomésticos - mercearia
mosaicos - materiais de construção



Stand Correia
 Rua Direita de Cima, 45
 Ribeira Seca
 Telef.: 296 470004

Crónica Mal-Humorada

Bairrismo, regionalismo, ilhismo



Aprecio muito a cultura terceirense. O José Orlando Bretão – que, se teve direito a escolher o céu que merecia, decerto passa a eternidade a ver danças e bailinhos de Carnaval – dizia que esta era a maior manifestação de teatro do Mundo. Talvez tivesse razão. Tudo ajuda os terceirenses a serem bons actores, principalmente aquele sotaque que acentua as últimas sílabas, num tom cantante, enquanto nós, micalenses, mal acabamos as palavras, numa lamúria quase imperceptível. Não será certamente por acaso que os três melhores contadores de histórias que conheço nasceram e cresceram na Terceira: o Emanuel Félix e o Vasco Pereira da Costa – que acumulam essas funções, além de outros talentos, com a de serem dois dos melhores poetas portugueses – e o Carlos Bretão (de um outro ramo dos Bretões, porque é do Raminho) que imitava fosse quem fosse, mas fazia na perfeição de D. Manuel Afonso de Carvalho, ao ponto de enganar os mais íntimos de Sua Excelência Reverendíssima. Se alguém havia de inventar uma forma brejeira de cantar ao desafio como é a das “Velhas”, tinha de ser um terceirense. O certo é que ninguém mais a inventou. E até gosto das touradas à corda, que são a coisa mais inocente e divertida que se pode fazer com um touro. Por essas e por outras merece mesmo alguma desculpa o bairrismo terceirense, que só é de duvidoso gosto quando um rústico encosta o peito ao balcão de um bar e pede uma cerveja, respondendo à

pergunta “qual?” dizendo: “Qualquer uma, menos de S. Miguel.” É que isto de bairrismo – ou de ilhismo, no caso açoriano – precisa de ter alguma coisa de que valha a pena sentir orgulho. Ser micalense ou picaroto não contém em si mesmo qualquer mérito, porque nós não fizemos as Sete Cidades nem os homens do Pico construíram a sua montanha. O bairrismo mau é aquele que se vangloria do que fez e se orgulha do que não fez. Como um estudante universitário micalense, em Lisboa, cábula convencional, que ao saber da boa classificação de um colega lhe disse: “É assim mesmo, para mostrar como os açorianos são bons!” Hoje é político. Mas será que eu não gosto dos Açores?... Então não gosto! Só não vou é morrer de desgosto quando descobrir outro ananás melhor do que o nosso ou uma manifestação de teatro maior que a das danças e bailinhos da Terceira. Nem fico beicudo se o locutor não diz, quando o Pauleta marca um golo, que ele é açoriano. Há dias, li uma crónica cheia de impropérios a propósito de um qualquer atentado à dignidade açoriana. A linguagem, apocalíptica, desenvolvia-se num crescendo de ira que começava já a provocar a minha. Por menos bairrista que eu seja, também sinto as ofensas à nossa gente e aos nossos valores. Pequei sem razão. O que acontecera fora que um grupo de sete ou de oito cientistas viera estudar uma qualquer chinesice geológica, ornitológica ou de qualquer outra “lógica” cá dos Açores. E a revista “Visão” cometera o crime – oh! Céus! – de não acrescentar, na notícia, que uma das cientistas da comitiva é açoriana (Que se envie à “Visão”, com carácter de urgência e consulta obrigatória, nos casos bons, e proibida, nos maus, a lista de todos os açorianos vivos e defuntos, desde há cinco séculos, incluindo os emigrantes e seus descendentes pelo menos até à sétima geração.)

Daniel de Sá

Fórum de Cinema 2001

A Cidade de Ribeira Grande, com o seu monumental Teatro, orgulha-se de ter sido o palco da abertura de mais um Ciclo de Cinema, este de grande qualidade. A iniciativa coube, uma vez mais, ao Fórum Açoriano – Associação Cívica, tendo a Direcção Regional da Cultura, o Instituto Açoriano de Cultura e a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema dado a sua colaboração. A estreia ocorreu no dia 5 de Outubro último, com dois filmes portugueses *Os Verdes Anos* (1963) e *A Raiz do Coração* (2000), ambos do realizador português Paulo

Rocha, o qual esteve presente na abertura do certame, bem como o crítico de cinema João Bénard da Costa. Que magníficos filmes! Que duas Lisboas! Que erotismo! Outros filmes também rodaram no Teatro Ribeiragrãndense: *A Regra do Jogo*, de Jean Renoir, *As Vinhas da Ira*, de John Ford, e *Eduardo Mãos de Tesoura*, de Tim Burton. Como se pode ver, grandes nomes do Cinema. *A Estrela Oriental* felicita a iniciativa. Que a Ribeira Grande não perca essa sua nova capacidade de fazer parte do roteiro cultural da Ilha e da Região. E por que não do País?

Esclarecimento

“Relativamente à N.R. (nota de redacção) vinda a público no número 6, última página, do *A Estrela Oriental*, esclarecemos e apresentamos pessoalmente desculpas à sua redacção, tendo estas sido aceites. Aproveitamos a oportunidade para as tornar extensivas a todos os leitores, principalmente ao cibernauta atento. Deste modo, foi ainda comunicado que o link em causa havia sido retirado no pretérito dia 7 de Outubro. Cumprimentos: o webmaster da página do PS/Ribeira Grande”.



Um passo importante no turismo de qualidade. (Quinta de Santana, Rabo de Peixe)



Lombadas, a natureza ao Deus dará.

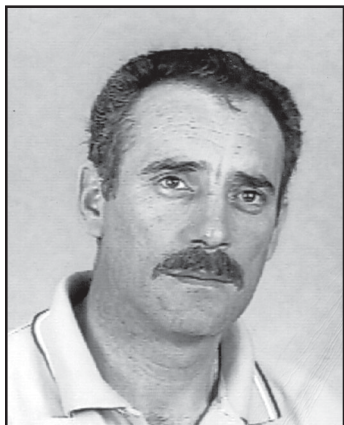


Modelo

**Custa Pouco
Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande

SUPLEMENTO ESPECIAL AUTÁRQUICAS 2001



DIÁLOGOS: JOÃO GOMES

CDU

CDU - Coligação Democrática Unitária PCP-PEV

Perfil:

E.O. - Indique a sua naturalidade, idade, estado civil e profissão. Se for pai, quantos filhos tem? Mencione as suas idades e quais os seus níveis de escolaridade.
J.G. - Natural do Pico da Pedra, 41 anos, casado, maquinista, pai de dois filhos, com 14 e 16 anos a frequentar, respectivamente, o 6º e o 8º anos de escolaridade.

O político e a imagem

E.O. - Por que razão acha que o eleitorado o deve preferir aos seus concorrentes?

J.G. - Porque a Ribeira Grande tem de sair do marasmo em que se encontra e nós somos uma alternativa diferente, dinâmica, activa e próxima das populações... É necessário que os cidadãos demonstrem o seu descontentamento com a actual situação, dando um voto de confiança a quem defenderá os seus legítimos interesses...

Pelo menos três Ribeiras Grandes?

E.O. - Poderemos falar em três Ribeiras Grandes: uma com a Maia à cabeça (Câmara Municipal), outra com Rabo de Peixe (outra Câmara Municipal) e uma outra com a Cidade propriamente dita? Em sua opinião, que vantagens e desvantagens daí adviriam?

J.G. - É fácil fazer "política de secretária", propondo a criação de decretos-lei que criem vilas e/ou concelhos sem saber se será essa a aspiração íntima da população... Antes de mais é necessário auscultar a população sobre esta questão, pois as autarquias devem ir de encontro aos anseios das populações fazendo-as participar activamente nas decisões...

Ribeira Grande e a Região

E.O. - Acha que a presente realidade socio-económica açoreana continua a justificar a existência exclusiva em Angra, Ponta Delgada e Horta, deixando, Ribeira Grande e Praia da Vitória de fora da partilha das infra-estruturas regionais?

J.G. - Ribeira Grande é a segunda maior cidade da maior ilha da região, devendo, como tal, ocupar um papel preponderante no mapa político, económico e social da região, pelo que seria urgente a existência de algumas infra-estruturas regionais nesta cidade.

Infraestruturas

E.O. - Na ausência e enquanto se

io PÚ, avançaria já para um Plano Estratégico? Que linhas gerais enformariam este Plano para a Cidade e para o Concelho?

J.G. - Uma vez que o Plano Director Municipal (PDM) se encontra em fase final de elaboração, não será conveniente o avançar com um Plano Estratégico.

E.O. - Enuncie três desafios inovadores e fundamentais para a

Ribeira Grande deste século XXI.
J.G. - A CDU caracteriza-se, entre outros aspectos, pela sensibilidade para as questões de ordem social, pelo que, um dos desafios seria a recuperação de habitação degradada e construção de novas habitações de forma a dignificar a vida das pessoas. Por outro lado, é necessário combater a exclusão social e a pobreza, pelo que se devem implementar, em colaboração com as entidades competentes, medidas de fundo e não paleativos, como se tem verificado até agora.

A falta de espaços verdes, de uma rede municipal integrada de apoio à infância (criação de creches familiares, ATL's e ludotecas), bem como uma atenção especial e igualitária às escolas do concelho, devem ser prioridades dado que as crianças de hoje são os homens de amanhã.

A Ribeira Grande tem potencialidades naturais e não só que tornam o concelho propenso à actividade turística, pelo que deverá ser criado um plano integrado que vise o aproveitamento das referidas potencialidades, sem esquecer as outras actividades económicas importantes para o concelho, nomeadamente a pesca.

E.O. - Quais os aspectos positivos e negativos da oposição ao último

mandato autárquico?
J.G. - Não consideramos que tenha havido oposição dentro das autarquias do concelho ao longo do último mandato autárquico. O PS só muito recentemente tem começado a levantar alguns problemas que, aliás, já tinham sido levantados pela CDU, exemplo disso é a questão da recolha de lixo.

Esta constatação vem reforçar a necessidade da presença de eleitos da CDU nas autarquias do concelho, de forma a que haja uma oposição credível e efectiva, que defenda os legítimos interesses das populações.

Os municipais interrogam

Maia/ Fenais de Ajuda - Há críticas acerca da centralização das festas na sede do Concelho. Pensa alterar a situação?

J.G. - Existem festas que, tradicionalmente, se realizam na sede do concelho e que não se justifica que sejam "deslocadas", devendo sim existir mais apoios às iniciativas das freguesias e a elaboração de um roteiro descentralizado de festividades...

Maia/ Fenais da Ajuda/ Rabo de Peixe/ Lomba da Maia - Há quem defenda que deve haver dois Vereadores encarregados de acompanhar, respectivamente, as Zonas Poente e Nascente do Concelho. Que pensa disso?

J.G. - A responsabilidade do concelho é de todo o executivo camarário, não devendo haver divisões do concelho por vereadores, mas um envolvimento de todo o executivo nas questões.

Lomba de São Pedro - Ao nosso lado, no concelho de Nordeste, os caminhos de penetração estão como deviam estar os nossos: Que pensa fazer para melhorar os nossos? Ainda ligado à agricultura: pensa fazer reservatórios de água para evitar o desperdício da que corre para o mar sem benefício para a agricultura?

J.G. - Os reservatórios de água para aproveitamento dos recursos hídricos já deveriam estar feitos pois, a agricultura é uma das principais actividades económicas do concelho. Quanto aos caminhos de penetração, a responsabilidade não é totalmente da Câmara, devendo no entanto esta pressionar as entidades competentes para que o problema seja resolvido o quanto antes.

Porto Formoso - Que conta a autarquia fazer para reabilitar a Ladeira da Velha, onde se inclui as antigas termas?

J.G. - Quanto a este aspecto, deverá a Câmara propor ao Governo e ao proprietário das termas um acordo que preveja o arranjo e recuperação de toda a área tendo em vista o desenvolvimento das capacidades turísticas.

São Brás - Para quando a segunda pedra para o polivalente da freguesia?

J.G. - O Governo PS tem lançado primeiras pedras e feito promessas em alturas de campanha eleitoral, estas situações têm de ser denunciadas e combatidas pelos eleitores, votando em forças políticas que combatam este tipo de atitudes e que resolvam os problemas existentes sem demagogias nem fins eleitoralistas, mas em defesa dos legítimos anseios das populações que lhes confiam os seus votos... É preciso que as pessoas tomem consciência que, ao serem eleitos são-no para defender os interesses de quem lhes confiou o seu voto e não para se servirem do cargo em benefício próprio...

Pico da Pedra - Para quando o prolongamento da rua Capitão Cordeiro, de modo a que a rua Barão da Fonte Bela fique aliviada do tráfego que por ela circula e persiste em nela estacionar caoticamente?

J.G. - Esta situação já deveria estar

resolvida há mais de dez anos. Neste caso, a responsabilidade é dos governos do PSD e PS, bem como da própria autarquia, sendo altura das populações demonstrarem o seu desagrado votando em quem resolve efectivamente a situação.

Rabo de Peixe - Que papel deve a autarquia ter no maior fomento desportivo da freguesia?

J.G. - A autarquia deve apoiar as associações existentes, apostando no reforço de meios humanos e aproveitando todas as infra-estruturas da freguesia de forma integrada.

Calhetas - Como resolver de uma vez por todas a questão habitacional da orla marítima da freguesia?

J.G. - A resolução deste problema passa pela construção de um muro de protecção, bem como pelo contacto directo com as populações de forma a efectuar um levantamento das habitações em situação de maior risco, tendo em vista encontrar a melhor solução para resolver o problema.

Cidade:

Ribeira Seca/Matriz/ Conceição/ Ribeirinha - A Cidade acha que a Câmara não lhe dá a importância devida. O que fará para alterar tal facto? Quais os três projectos, caso venha a ser eleito, de maior peso para a Cidade? Como pretende financiá-los?

J.G. - É necessário um envolvimento efectivo de todas as forças vivas da sociedade na resolução de problemas e no desenvolvimento integrado das localidades e do concelho. Um melhor aproveitamento das capacidades do Parque Industrial; a exploração das potencialidades turísticas do Porto de Santa Iria e do Farol da Ribeirinha; um maior acompanhamento por parte da Câmara dos problemas e dificuldades existentes em cada freguesia, descentralizando competências e meios; a recolha nocturna de lixo; a colocação de ecopontos em pontos estratégicos; o apoio à pesca e aos pescadores, bem como aos agricultores, são apenas algumas das medidas que poderão minorar o problema.

Uma gestão equilibrada do orçamento camarário e o recurso a programas europeus são aspectos a considerar e que permitem o financiamento de uma série de iniciativas.

Matriz - Sendo a água potável que abastece esta freguesia imprópria para consumo não acha que a taxa de água devia ser reduzida substancialmente ou mesmo eliminada?

J.G. - É necessário resolver o problema através da procura de água própria para consumo, devendo até lá ser reduzida a taxa de água, convém contudo salientar que a redução da taxa de água por si só não resolve o problema.

Conceição - O nosso património industrial (moinhos do Vale, Praia e Novo, antigas fábricas do Linho ou do Chá), o nosso património edificado (casas seiscentistas da rua Direita e das Freiras, por exemplo, ou o Passal) estão a ser sistematicamente destruídos, assim como o natural (exploração

de inertes). Assim sendo, como pretender ser Cidade Património? O que fazer para o contrariar?

J.G. - Urge efectuar um levantamento exaustivo do Património Imóvel e Ambiental do concelho, tendo em vista o seu estudo, elaboração de um projecto de recuperação e aproveitamento, nomeadamente através da criação de um roteiro cultural e ambiental.

Matriz/Conceição/R.Seca/ Ribeirinha - É urgente a criação de um Hotel e de mais uma escola EB/JI. Que pensa fazer sobre isso?

J.G. - Sem pôr de parte a necessidade de instalações de tipo hoteleiro, há que ter em atenção a quantidade de hotéis que se encontram em construção na ilha, de forma a não criarmos infra-estruturas que depois fiquem abandonadas, pelo que, consideramos mais conveniente uma aposta no turismo de habitação/ ambiental.

No que concerne às escolas, é necessário que se faça um levantamento do parque escolar para posterior estudo das possibilidades de reestruturação.

Santa Bárbara - Por onde optar: pela criação de um complexo desportivo, onde a Escola da freguesia será incluída, ou pela construção de um ginásio no terreno anexo à Sede da Junta de Freguesia?

J.G. - Tendo em vista um desenvolvimento harmonioso e equilibrado da freguesia, será mais útil a criação de um complexo desportivo a ser utilizado por todas as camadas jovens e forças vivas da freguesia.

Ribeira Seca - De que estruturas de apoio o Areal de Santa Bárbara poderá usufruir de forma a ser rendibilizado quer como zona de lazer e, simultaneamente, como forma de combate à pobreza e exclusão social que grassam naquela zona?

J.G. - No que concerne a estruturas de apoio para o Areal, é urgente a criação de balneários públicos, de um quiosque e esplanada onde possam ser servidas refeições.

Quanto ao combate à pobreza e exclusão social, como já foi referido, temos de deixar de adoptar medidas paleativas e implementar medidas de fundo que permitam resolver as situações... Não adianta construir habitações se as pessoas não têm formas de subsistência que lhes permitam ter uma vida digna e logo, que as faça sentirem-se integradas e úteis à sociedade...

Ribeirinha - Para quando a Via Litoral que vá da Ribeirinha à Ribeira Seca?

J.G. - Há cerca de vinte anos que as populações têm o justo anseio por esta via... sendo o PS e o PSD os responsáveis pelo facto de não passar de uma aspiração... É necessário entrar em acordo com o Governo Regional no sentido de realizar este já velho desejo.



MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus

Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA



Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400

